



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO  
DE GEOGRAFIA EM REDE

ROBSON SANTANA DA SILVA

**A Literatura como ferramenta para o ensino de Geografia. Um olhar através da abordagem humanista.**

RECIFE

2024

ROBSON SANTANA DA SILVA



.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Robson Santana da.

A Literatura como ferramenta para o ensino de Geografia: um olhar através da abordagem humanista / Robson Santana da Silva.  
- Recife, 2024.

80f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino de Geografia.

Orientação: Paulo Rogério de Freitas Silva.

1. Geografia; 2. Literatura; 3. Ensino. I. Silva, Paulo Rogério de Freitas. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

CDD 910

**A Literatura como ferramenta para o ensino de Geografia. Um olhar através da abordagem humanista.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado profissional Ensino de Geografia em rede da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em ensino de Geografia.

**Área de concentração:** Ensino de Geografia

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Rogério de Freitas Silva.

RECIFE

2024

ROBSON SANTANA DA SILVA

## **A Literatura como ferramenta para o ensino de Geografia. Um olhar através da abordagem humanista.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado profissional Ensino de Geografia em rede da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em ensino de Geografia.

Aprovada em: 05/02/2023

### **BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 PAULO ROGERIO DE FREITAS SILVA  
Data: 04/03/2024 21:14:35-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Paulo Rogério de Freitas Silva (Orientador)  
Universidade Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente  
 JOAO MANOEL DE VASCONCELOS FILHO  
Data: 29/02/2024 14:48:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. João Manoel de Vasconcelos Filho (Examinador Externo)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Documento assinado digitalmente  
 SILVANA QUINTELLA CAVALCANTI CALHEIROS  
Data: 04/03/2024 13:45:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Silvana Quintela Cavalcanti Calheiros (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Alagoas

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado à memória de Graciliano Ramos e Josué de Castro

**O vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.**

**(Vidas Secas)**

**Alice perguntou: Gato Cheshire... pode me dizer qual o caminho que eu devo tomar?**

**Isso depende muito do lugar para onde você quer ir – disse o Gato.**

**Eu não sei para onde ir! – disse Alice.**

**Se você não sabe para onde ir, qualquer caminho serve.**

**(Alice no País das Maravilhas)**

## **Resumo**

Este trabalho propõe um diálogo entre Geografia e Literatura, utilizando o lugar como ferramenta conceitual para esta aproximação. Neste trabalho o conceito de lugar é discutido como elemento introdutório, porém necessário para o estudo/ensino dos demais conceitos geográficos, bem como de temas como: êxodo rural/migração e seus impactos na urbanização. Deste modo, tanto o conceito em questão como os referidos temas, foram discutidos em duas obras da Literatura brasileira: *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro. Estas duas obras foram analisadas de forma complementar, tendo em vista a possibilidade de diálogo entre seus respectivos enredos. Todo este processo foi fundamentado pela corrente humanista em diálogo com a Geografia crítica. Por fim, através do percurso metodológico deste trabalho, sugere-se algumas atividades que podem ser postas em prática em sala de aula.

**Palavras-chaves: Geografia, Literatura, ensino.**

## **Abstract**

This work proposes a dialogue between Geography and Literature, using place as a conceptual tool for this approach. In this work, the concept of place is discussed as an introductory, but necessary element for the study/teaching of other geographic concepts, as well as themes such as: rural exodus/migration and its impacts on urbanization. Thus, both the concept in question and the aforementioned themes were discussed in two works of Brazilian Literature: *Vidas Secas* by Graciliano Ramos and *Homens e Caranguejos* by Josué de Castro. These two works were analyzed in a complementary way, taking into account the possibility of dialogue between their respective plots. This entire process was based on the humanist current in dialogue with Critical Geography. Finally, through the methodological path of this work, some activities that can be put into practice in the classroom are suggested.

**Keywords: Geography, Literature, teaching.**

## **Resumé**

Ce travail propose un dialogue entre la Géographie et la Littérature, utilisant le lieu comme outil conceptuel pour cette approche. Dans cet ouvrage, la notion de lieu est abordée comme un élément introductif, mais nécessaire à l'étude/enseignement d'autres concepts géographiques, ainsi que des thématiques telles que : l'exode/migration rurale et ses impacts sur l'urbanisation. Ainsi, tant le concept en question que les thèmes mentionnés ci-dessus ont été abordés dans deux ouvrages de la littérature brésilienne: *Vidas Secas* de Graciliano Ramos et *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro. Ces deux œuvres ont été analysées de manière complémentaire, en prenant en compte la possibilité de dialogue entre leurs intrigues respectives. L'ensemble de cette démarche s'appuie sur le courant humaniste en dialogue avec la Géographie Critique. Enfin, à travers le parcours méthodologique de ce travail, sont proposées quelques activités qui peuvent être mises en pratique en classe

**Mots clés : Géographie, Littérature, enseignement.**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	35
Figura 2.....	35
Figura 3.....	37
Figura 4.....	38
Figura 5.....	53
Figura 6.....	57
Figura7.....	59
Figura 8.....	62
Figura9.....	71
Figura 10.....	72
Figura 11.....	73

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>Metodologia .....</b>	<b>12</b>
<b>Objetivos .....</b>	<b>13</b>
<b>Discussão.....</b>	<b>14</b>
<b>O lugar na Fenomenologia de Heidegger e na Dialética.....</b>	<b>20</b>
<b>Relação entre Geografia e Literatura .....</b>	<b>25</b>
<b>Análise do Lugar em Vidas Secas e Homens e Caranguejos .....</b>	<b>32</b>
<b>Vidas Secas .....</b>	<b>38</b>
<b>Homens e caranguejos.....</b>	<b>56</b>
<b>Solidariedade/proximidade em Homens e Caranguejos.....</b>	<b>63</b>
<b>Propostas de atividades.....</b>	<b>68</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>74</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>76</b>

## 1-INTRODUÇÃO

Observa-se no decorrer do ensino médio uma certa falta de compreensão básica acerca dos conceitos geográficos<sup>1</sup>, este problema ocorre pelos mais variados motivos, entre eles destaca-se o fato de que os conceitos muitas das vezes são tratados tanto em sala de aula como nos livros didáticos como algo abstrato, distante da realidade cotidiana dos estudantes, nota-se que a falta de uma compressão adequada dos conceitos básicos da Geografia irá impactar de forma negativa e direta na compreensão dos temas geográficos que serão trabalhados no decorrer do ensino médio, bem como em uma compreensão holística dos fenômenos geográficos, principalmente na contemporaneidade marcada pela constante sobreposição de fenômenos e emergência de novos paradigmas.

Neste contexto, os paradigmas epistemológicos da Geografia, pautados na compreensão do espaço geográfico servem como elementos norteadores para entendimento da realidade nesta realidade, deste modo faz-se necessário que os estudantes conheçam e dominem os arcabouços teóricos dos conceitos básicos da Geografia. Com base nestas premissas, o presente trabalho utiliza o lugar para exemplificar as potencialidades e possibilidades de a partir dos conceitos básicos, aprofundar os estudos de temas geográficos, utilizando-se a bagagem cultural que todos nós temos e que foi adquirida através da interação com nossos espaços cotidianos e de vivências. Através disto, é possível avançar na discussão de temas mais amplos e complexos, pois como sabemos e será reforçado aqui: o mundo é conhecido a partir dos nossos espaços cotidianos.

Ao se analisar alguns documentos orientadores do ensino básico, nota-se que eles salientam a importância de se trabalhar e conhecer os conceitos elementares da Geografia; como por exemplo as **Orientações Curriculares do Ensino médio (2006)** onde este documento destaca que uma das competências esperadas para o ensino de geografia para o ensino médio é a: “Capacidade de operar com os conceitos básicos da Geografia para análise e representação do espaço em suas múltiplas escalas.” (pg.45), O Referido documento também destaca que:

---

<sup>1</sup> Os conceitos geográficos são discutidos nesta obra não apenas como definições categóricas, mas como um caminho, um processo para construção/aquisição de outros entendimentos.

Os conceitos são instrumentos do pensar e do agir que se justificam e ganham sentido próprio no complexo sistema que compõe com os conceitos correlatos e no qual interagem em campo teórico mais vasto. Impõe-se, por isso, nova visão de interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade. (pg.52)

Deve-se destacar que estes dois termos: Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade<sup>2</sup>, são palavras-chaves potencializadoras para a relação entre Geografia, Literatura e ensino; de modo que neste trabalho buscamos discutir de forma conjunta o lugar tanto na Geografia como na Literatura. Reafirmamos que o lugar é um conceito chave para introduzir os estudos dos demais conceitos geográficos, bem como para mostrar a importância destes para compreensão da realidade, tendo em vista sua abordagem em se trabalhar com os aspectos do cotidiano e espaços de vivências, além da importância que este demonstra ao utilizar aos aspectos subjetivos do indivíduo como categoria de análise.

O documento supracitado (Pg. 53) cita que o lugar se articula com: “Manifestação das identidades dos grupos sociais e das pessoas, Noção e sentimento de pertencimento a certos territórios, Concretização das relações sociais vertical e horizontalmente.” Bem como destaca sua importância para uma leitura complexa da realidade:

Diante da complexidade dessa malha, uma abordagem possível para a educação que busca esforço compreensivo ativo é valorizar a perspectiva que elenca o lugar e o mundo mais proximamente vivido como referenciais cognitivos/emocionais essenciais para o processo educacional. (pág., 54)

---

<sup>2</sup>A definição entre destes dois conceitos ainda está em construção, mas em linhas gerais podemos entender interdisciplinaridade como o diálogo entre duas ou mais disciplinas a partir de um elemento em comum entre elas, no qual cada disciplina contribui com suas epistemes e metodologias dentro de seus respectivos campos (por exemplo: como as mudanças climáticas podem ser estudadas de forma conjunta em disciplinas como Geografia, história, Biologia e Química). Na transdisciplinaridade observa-se uma ruptura nas divisões entre as disciplinas, elas trabalham em conjunto utilizando um pensamento organizador (Direitos humanos, por exemplo) mas ainda assim respeitando-se as singularidades de cada área.

Em razão destes aspectos, o lugar é um conceito privilegiado para se trabalhar em conjunto com a Literatura, algo que como veremos, ficou explícito com a emergência da corrente humanista da Geografia, pois se a aproximação entre Geografia e Literatura já existe há bastante tempo, essa aproximação era apenas latente e se solidificou graças à abordagem humanista.

## 2-METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho, pauta-se primeiramente em uma extensa revisão bibliográfica como forma de fundamentar e analisar os aspectos teóricos que dão corpo ao trabalho, de modo que nesta etapa do trabalho foi feito um resgate histórico da Geografia Humanista e a importância da fenomenologia neste processo, bem como destacou-se a prevalência do lugar enquanto categoria geográfica.

Procurou-se também dialogar com a corrente crítica, destaca-se que esta relação entre as abordagens fenomenológica e crítica na Geografia é algo que ainda carece de maiores debates e aprofundamento, de modo que neste trabalho esta fusão foi feita de forma mais dialógica e expositiva do que metodológica propriamente dito. Através da revisão bibliográfica foi possível demonstrar a relação da literatura com o conceito de lugar, e de que forma este conceito dialoga com as duas correntes geográficas citadas anteriormente;

Em nenhum momento buscou-se aqui fazer um trabalho pautado na crítica literária<sup>3</sup> das obras que serão analisadas, buscou-se aqui fazer uma análise que chamaremos de geoliterária<sup>4</sup> das mesmas. No presente trabalho, isto aconteceu de forma prática através da análise comparativa do lugar nas duas obras literárias em destaque, vinculadas ao método fenomenológico com auxílio do método dialético materialista. Segundo Medeiros (2019, p.42): “Fenomenológico é um método de pesquisa que se define como estudo de um fenômeno tal qual ele se apresenta à

---

<sup>3</sup> Entende-se por crítica literária o estudo/análise embasado na teoria da literatura que busca estudar os aspectos históricos e estéticos que embasam e constroem o texto literário, de modo que trabalha diretamente com categorias como: estética, retórica e estilística. Desta forma analisar estas categorias fugiria completamente da proposta do presente trabalho. Para um estudo da crítica literária no Brasil recomenda-se a leitura de autores como Antônio Candido e Alfredo Bosi.

<sup>4</sup> Neologismo utilizado aqui para se referir à relação entre geografia e literatura, alguns autores utilizam também o termo geografia literária: “As epistemologias geoliterárias precisam acompanhar o frenesi contemporâneo, em seu fugidio e metamórfico estado de constante transformação”. Suzuki, et al. EPISTEMOLOGIAS GEOLITERÁRIAS: teoria e método, empiria e experiência. Geografia, Literatura e Arte, v.3, n.1, p. 1-6, jan./jun.2021. Geoliterart.2021.

percepção, para descobrir sua significação”. “Trata-se pois de um método altamente subjetivo” (Ibid.), como veremos, subjetividade é a palavra chave para a abordagem humanista e para o estudo do lugar. Em menor medida procurou-se também dialogar com a Geografia Crítica e deste modo com o método dialético materialista.

O método dialético em geral trata a realidade como fruto do embate entre elementos contrários, expresso na forma hegeliana: Tese, antítese, síntese. A dialética materialista trazida por Marx, destaca a prevalência dos aspectos materiais para entender a realidade. Ainda de acordo com Medeiros (2019, 41): “A expressão materialismo dialético, por sua vez, é relativa ao uso de um método específico de abordar os fenômenos sociais com base em uma teoria materialista”, além do fato de demonstrar que os fenômenos e objetos da realidade estão em constante conexão e influência mútua. Munido deste arcabouço teórico-conceitual, partiu-se para a análise das obras *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro. Metodologicamente optou-se por analisar o lugar em *Vidas Secas* tendo por base Tuan e o livro *Espaço e lugar* (1984), e *Homens e Caranguejos*, utilizando-se Santos e *A Natureza do Espaço* (1996), as abordagens humanista-fenomenológica e crítica-materialista atuaram em conjunto na análise das duas obras, bem como serviu para a elaboração das sugestões de atividades que podem ser postas em prática em sala de aula, utilizando como exemplo prático as orientações curriculares do estado da Paraíba para os 1º e 2º anos do ensino médio.

### **3-OBJETIVOS**

#### **Geral:**

Contribuir para o processo de ensino/aprendizagem da Geografia, ao discutir sua relação com a Literatura, bem como destacar a relevância do lugar, através do uso de uma abordagem interdisciplinar como ferramenta metodológica.

#### **Específicos:**

Discutir de que modo o conceito de lugar se faz presente nos textos literários e em nossas vidas cotidianas.

Estimular a leitura de textos literários de forma interdisciplinar como forma de entender a realidade.

Destacar o papel do lugar e da literatura enquanto elementos críticos e humanizadores.

Mostrar que as correntes humanista e crítica, bem como a fenomenologia e a dialética, podem trabalhar em conjunto para o ensino de geografia e para compreensão da realidade.

#### **4-DISCUSSÃO**

Segundo Serpa (2021, p.14), a ideia de incorporar aspectos pessoais e subjetivos na análise geográfica é lançada com ênfase por John K. Wright em 1947, incentivando os geógrafos a explorar as terras “incógnitas pessoais” e estudar os aspectos da imaginação/subjetividade em sua relação com os aspectos geográficos. Destaca-se que isto aconteceu em um contexto pós segunda guerra mundial no qual a humanidade deparou-se com uma hecatombe jamais vista, bem como com novos instrumentos que elevaram o ato de matar à uma escala até então inimaginável; com o advento da bomba atômica, por exemplo, que fez com que o mundo entrasse em uma era de apreensão e incerteza que perdura até os dias de hoje.

Destaca-se que se a primeira guerra mundial relegou para a humanidade no campo das ciências, as análises freudianas da psique humana, a segunda guerra contribuiu para que as ciências humanas e sociais começassem a olhar para dentro do sujeito, já que o pragmatismo e objetivismo científico exerceram grande influência para a hecatombe que foi o conflito armado. Porém no campo da Geografia, este processo foi obliterado em razão da emergência da Geografia Quantitativa, onde observou-se a prevalência de uma abordagem mais calcada em métodos estatístico e matemáticos para interpretação da realidade, tal objetividade e pragmatismo geográfico trazidos por esta corrente começa a perder fôlego cerca de duas décadas depois em um contexto social e político de grande ebulição, como: a luta pelos direitos civis da população negra e das mulheres, a guerra do Vietnã, as discussões sobre gênero, igualdade e liberdade sexual, o maio de 68 na França (movimento este que questionava as próprias práticas da esquerda tradicional) dentre inúmeros outros fatores.

Tais ebulições contribuíram para mudanças de paradigmas que afetaram também o campo científico, dentre os quais o campo geográfico, algo que culminou no advento da chamada Geografia Crítica, inspirada na dialética e no materialismo histórico. Tais mudanças de paradigmas abriram espaço para que na década seguinte emergisse a Geografia humanista.

Enquanto a Geografia Crítica tem como principal fundamento epistemológico a dialética e o materialismo histórico, a Geografia humanista fundamenta-se na Fenomenologia. Segundo Merleau-Ponty (2006, P.18) a análise fenomenológica é “inseparável da subjetividade e intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas com minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha”. Observa-se deste modo a prevalência que esta corrente filosófica coloca nos aspectos subjetivos e intersubjetivos ao analisar os fenômenos.

Desta forma esta corrente filosófica ao utilizar como referência a lente de cada sujeito para interpretar os fenômenos humanos, abre infinitas possibilidades interpretativas em sua busca de compreensão do mundo. Destaca-se que é justamente neste ponto que reside os principais desafios desta corrente filosófica, pois cada indivíduo vai experienciar o mundo e dar respostas aos estímulos sensoriais de forma única, porém deve-se destacar que mesmo que cada indivíduo experiencie o mundo de forma singular, este processo ocorre em uma realidade social pré-estabelecida. É justamente neste encontro dialético entre a realidade pré-estabelecida e as múltiplas subjetividades que a fenomenologia irá mostrar sua força, pois deste modo ela aparece:

Como instrumento fundamental dentro da Geografia. Através das coisas, dos objetos. Isto é, da configuração geográfica. A Fenomenologia permite passar do universal ao particular sem cair no risco de uma interpretação “coisista”, empírica, indo além da coisa do objeto, da materialidade do espaço. (Santos,1996,28-29)

Deste modo, o autor sintetiza que não há: “Nenhuma contradição entre fenomenologia e dialética”. ( Idem , 1995, 22), destaco que esta contribuição de Santos trouxe um imenso aporte para o percurso epistemológico da Geografia humanista pois mostrou que pode existir um diálogo entre os aspectos objetivos e subjetivos da análise geográfica ao mostrar que é possível o diálogo entre as correntes crítica e humanista, ao destacar que a primeira não é uma teoria determinista que se preocupa apenas com os aspectos econômicos de uma

determinada realidade, e que a segunda não é de forma alguma alienada da realidade objetiva e das estruturas macro econômicas e sociais.

Pois se há uma realidade construída historicamente da qual somos herdeiros, cada um de nós, através dos múltiplos aspectos que formam nossa subjetividade, iremos interagir e atuar nessa realidade construída, de maneira única, mesmo que em condições anteriormente postas. Serpa (2007) vai além ao afirmar:

A totalidade não preexiste aos seres humanos, mas se constitui neles e a partir deles em suas experiências intencionais e intersubjetivas, cujas “operações” cotidianas a redução fenomenológica sem dúvida alguma ajuda a revelar (Serpa, 2007. Pág. 30).

Deste modo, reforço que ao menos na Geografia, a dialética e a fenomenologia, não se excluíam, ao contrário, vão se complementar através da construção de uma síntese sujeito-objeto. Neste mesmo sentido, Henry Lefebvre amparado em Hegel, Marx e Nietzsche irá inclusive propor a criação de uma fenomenologia materialista, pois em razão da grande complexidade envolvida no processo de construção e reconstrução do espaço, a união destas duas correntes filosóficas pode contribuir para compreensão da realidade atual através da síntese das práticas e representações espaciais. Outro autor que destaca as afinidades existentes entre as epistemologias fenomenológica e dialética é Paul Claval:

Há mais similaridades do que parece, à primeira vista, entre os geógrafos atraídos pela fenomenologia e aqueles que abraçam a causa radical, pois os dois grupos consideram que os fatos sociais diferem dos fatos naturais. O que é fundamental para os geógrafos de inspiração humanista ou radicais não é a distribuição dos fatos sociais, mas a maneira como as pessoas vivem nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraíndo uma experiência. (Claval, 2001, p.46)

Portanto, influenciado em um primeiro momento principalmente pela fenomenologia e posteriormente pela dialética, surgiu na década de 70 no Canadá e nos Estados Unidos, a corrente humanista da Geografia, dentro de um contexto de grande efervescência político-social conforme apontado acima, e como forma de se contrapor às teorias quantitativas de cunho deterministas.

As bases da geografia humanista foram lançadas por Eric Dardel ainda na década de 50 com a obra *L' homme et la terre, nature de la réalité géographique* (1952), além de nomes como: Edward Relph, Anne Buttiner e John Wright. O próprio Dardel destaca: “O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante. Ele dá ao termo concreto seu amparo e sua medida” (Dardel 2011, p.3).

Porém, foi apenas duas décadas depois com Yi-Fu Tuan que surge de fato o que entendemos por Geografia humanista, através do artigo *Humanistic geography* (1976), além de suas obras principais; *Topofilia* (1974) e *Espaço e lugar* (1977). Tuan define *Topofilia* como: “O elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico”. (1974, p.5) o autor prossegue na mesma página : “Esta palavra é difusa como conceito vivido e concreto como experiência pessoal”, é exatamente ao mostrar e discutir esta dualidade entre os aspectos difusos e concretos presentes na relação dos seres humanos com os lugares que esta obra se destaca, pois vai discutir uma grande variedade de aspectos relacionados à subjetividade humana, tal como aspectos sinestésicos e sensoriais, além da enorme diversidade cultural humana e suas semelhanças, além de fazer uma grande análise dos ambientes urbanos das cidades, partindo do próprio bairro (Ibid. p.222), o autor mostra nesse ponto que o ser humano necessita de uma visão das escalas macro e micro do espaço para se situar enquanto sujeito sociotransformador.

Reforço que esta atividade requer um exercício de aproximação com o micro espaço, algo que acontece através da relação do sujeito com o lugar, pois este conceito atua como produtor de imagens para a construção da *topofilia* (Idem, 1974). Em suas análises, Tuan discute o conceito de percepção, utilizando corpo e espaço como elementos principais da obra, algo que guarda certa semelhança com as teorias socioconstrutivistas de Vygotsky:

Para o Sociostrutivismo a interação sujeito/objeto não ocorre através de uma relação direta, mas de uma relação mediada, isto é, a partir de algo que se interpõe entre o sujeito cognoscente e o que é observado. Esta mediação se dá por meio de instrumentos, que têm uma função histórico-social na relação sujeito/mundo: a pedra, a roda, o arado, o papiro, o livro; ou a palavra, por exemplo. (Lima,2006, p.78)

Na obra seguinte: Espaço e Lugar a Perspectiva da Experiência (1977), Tuan define lugar como: “Centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”. (p.4), tal definição serve para ilustrar tanto o caráter objetivo como subjetivo, biológico e psicológico que este conceito possui em sua abordagem, pois o autor faz questão de destacar o imperativo da nossa sobrevivência biológica e de satisfação das nossas necessidades básicas; pois para pensar, interagir e produzir cultura, necessitamos primeiramente sobreviver enquanto espécie e indivíduo.

Isto é algo que já havia sido demonstrado por Marx e Engels em A Ideologia Alemã (1932), no qual os autores mostram a prevalência dos aspectos materiais de subsistência para a existência humana. Deste modo, destaca-se mais uma vez os aspectos de complementares entre as epistemologias dialética e fenomenológica; entre as correntes crítica e humanista da Geografia:

Devemos começar por constatar o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. (Marx, Engels 1987, p.39)

A partir deste processo atribuímos valor ao lugar em virtude das nossas experiências com o ambiente, pois “A experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (Tuan,1976 p.10), pois segundo o autor a experiência é constituída de sentimento e pensamento (Ibid. P.11). O autor destaca que o aspecto valorativo que atribuímos ao lugar passa de um caráter, abstrato para algo mais concreto quando passamos a interagir com o ambiente de forma completa através dos nossos sentidos, bem como através de um constante exercício de reflexão (Ibid.

P.20), “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. (Ibid. p.151), porém para que algo adquira significado é necessário tempo e reflexão, pois: “Se vivêssemos o mundo como processo, em constante mudança não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar”. (Ibid. p. 198), o autor vai além ao dizer que “sentir” um lugar leva bastante tempo:

Se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. (Ibid. p.203).

Portanto, para experimentar o lugar é preciso conhecê-lo, e conhecer requer tempo, algo que é feito de forma cotidiana e que necessita do sujeito um exercício constante de observação e paciência, algo que raramente conseguimos de passagem, apesar de que além de tempo, é necessário também abertura e sensibilidade do sujeito para sentir e observar o que está a sua volta.

Esta obra representou uma grande mudança nos paradigmas epistemológicos da Geografia, pois trouxe uma abordagem revolucionária para o estudo da realidade e das transformações socioespaciais, pois passou à privilegiar os aspectos subjetivos dos sujeitos, ao elencar uma série de elementos até então pouco estudados no campo geográfico, tais quais: sentimentos, percepções e emoções, privilegiando deste modo o lugar enquanto espaço vivido e que é cotidianamente construído através da interação dos sujeitos e dos significados que os mesmos dão aos seus respectivos espaços de vivência, tal abordagem permitiu uma aproximação com campos até então pouco utilizados nos estudos geográficos; como a Literatura, por exemplo, algo que pode ser observado nos trechos a seguir:” Uma função da arte literária é dar visibilidade à experiências íntimas, inclusive as de lugar” (Ibid. p.180). “A arte literária chama a atenção para áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas” (Ibid. p.180).

Ele vai destacar também que os escritores e os artistas em geral têm a capacidade de dar forma e significados à toda uma gama de sentimentos e experiências que estão difusos e desgovernados para maioria de nós (Ibid. P.223). Como já foi salientado acima, os sentimentos e experiências são elementos chaves para Geografia humanista, pois são através destes que damos sentido ao lugar, como a literatura tem como principais características expressar sentimentos e experiências através de uma narrativa, abre-se possibilidades de correlacionar os campos geográfico e literário, algo que reforçamos, foi possível de acontecer de forma sistemática através da geografia humanista.

#### **4.1 O lugar na Fenomenologia de Heidegger e na Dialética**

Heidegger, através de suas teorias fenomenológicas ficou conhecido como o filósofo do tempo, mas hoje, através de releituras e reinterpretações de suas obras ele passou a ser considerado também como um filósofo do espaço, mais precisamente um filósofo do lugar:

O conceito de lugar em Heidegger recebeu, primordialmente, um sentido altamente positivo (em contraste com o espaço), sentido esse que o remete às noções de pertencimento mútuo, seja entre habitantes e sua terra natal, objetos e seu lugares, seja mesmo entre os diferentes lugares. (Saramago 2019, p.193)

Deste modo ele pensa o espaço através de sua relação ontológica com o lugar, e não o oposto, de modo que ele vai investigar de que forma o mundo nos é apresentado a partir de relações cotidianas e de fenômenos concretos do nosso dia a dia, deste modo, abre-se a possibilidade de se trabalhar os elementos do cotidiano através do estudo dos significados e sentidos que cada pessoa atribui a esses elementos, de modo que:

“O lugar, ou a localidade, desempenha, portanto, um papel fundamental na constituição do mundo, considerando-se o mundo tanto o conjunto físico de seus arredores, como a própria ordem de sentido que torna a existência compreensível para nós.” (Ibid. p.195)

Observa-se, portanto, o caráter eminentemente subjetivo que o lugar adquire na fenomenologia heideggeriana, pois conforme destacado: “Heidegger começa sendo radicalmente o filósofo do ser, porém ser implica inescapavelmente, estar em ou pertencer a algum lugar”. (Ibid. p.204). Desta forma, fica evidente que para ser algo, precisamos estar ou pertencer a algum lugar, de forma que não podemos falar em lugar desvinculado dos elementos da vida do ser em determinado espaço. Heidegger sintetiza:

A palavra “lugar” significa originariamente ponta de lança. Na ponta de lança, tudo converge. No modo mais digno e extremo, o lugar é o que reúne e recolhe para si. O recolhimento percorre tudo e em tudo prevalece. Reunindo e recolhendo, o lugar desenvolve e preserva o que envolve, não como uma cápsula isolada, mas atravessando com seu brilho e sua luz tudo o que recolhe de maneira a somente entrega-lo à sua essência. (Heidegger 2004, p. 27)

Nota-se desta maneira, que Heidegger, através da Fenomenologia vai contribuir para que o conceito de lugar passe a adquirir um significado concreto, mas ao mesmo tempo subjetivo e cotidiano, através de um processo ontológico, que para Heidegger é a união indissolúvel entre tempo e espaço, por conta disso a fenomenologia heideggeriana passa a ser a base epistemológica da Geografia humanista.

Santos (2006, p.231), destaca que: “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”. Observa-se que mesmo em um mundo cada vez mais globalizado e globalizante o lugar ainda existe e resiste, bem como mostra a sua força ao conviver dialeticamente, dentro das racionalidades que são impostas pela globalização.

Enquanto de um lado é imposto uma racionalidade técnica de pensamento único, os lugares, que são portadores de suas próprias racionalidades, podem servir como polos de resistências aos imperativos da globalização econômica, mesmo que convivendo em seu centro, dado o seu caráter dialético:

A localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela. O mundo, todavia, é nosso estranho. Entretanto se, pela sua essência, ele pode esconder-se, não pode fazê-lo pela sua existência, que se dá nos lugares. No lugar, nosso próximo, se superpõe dialeticamente, o eixo das sucessões que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências. (Ibid., p.218)

Sabemos que o lugar é onde a vida adquire significado, neste contexto de globalização perversa como aponta Milton Santos, o lugar pode representar um contraponto aos ditames da globalização: “A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade”. (Ibid. p.230), pois se os lugares estão inseridos em uma dinâmica global hegemônica, esta inserção não ocorre de forma passiva; estão inseridos na dinâmica global capitalista, mas não existem dentro deste sistema de forma estática, ao contrário, convivem de forma dialética, e os lugares podem servir como locais de resistência à racionalidade técnica da globalização.

Santos é categórico ao mostrar a importância dos lugares como locais de resistência, bem como seu aspecto dialético dentro do mundo globalizado, em síntese: sabe-se que o motor da sociedade é a relação dialética entre as forças produtivas e as relações sociais, mas este processo ocorre nos lugares, que criam e se recriam através dos movimentos da sociedade, de modo que os lugares podem adquirir este status de resistência contra as forças hegemônicas do capital, que possuem atualmente um poder e abrangência nunca visto antes, em razão do neoliberalismo e da emergência das novas tecnologias de interação, controle e manipulação, levado a cabo atualmente pelas chamadas big techs<sup>5</sup> e sua arquitetura/configuração em rede, dentro do atual contexto técnico-científico-informacional.

Deste modo: “A partir dessa racionalidade hegemônica, instam-se paralelamente contra racionalidades”. (Ibid. p.210), “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”. (Ibid. p. 231).

---

<sup>5</sup> Gigantes do ramo de tecnologias e inovações tecnológicas que dominam o mercado econômico: Google, Amazon, Meta, Apple, etc.

Marandola (2019, p.237) parafraseando Giddens (As consequências da modernidade) cita os impactos do sistema globalizante e suas interferências para com o lugar:

Segundo ele, a força do sistema globalizante, que tende à homogeneização, teria alterado a forma de experiência centrada no lugar, ou seja, numa escala próxima, desencaixando processos cognitivos e de produção da vida material e trazendo para o local aquilo que ele não produziu, nem tem elementos para avaliar.

Em um primeiro momento pode parecer que o lugar irá perder relevância frente a estes processos globalizantes, mas observa-se que é justamente neste contexto que o lugar mostra a sua importância, ao servir como ponto de resistência ao fortalecer os sentimentos de identidades e pertencimento em meio a este processo hegemônico. Observamos, pois, que o lugar não perde significado ontológico neste processo, ao contrário, ele pode servir como espaços de afirmação e reafirmação das identidades e subjetividades Relph, 1976 (Place and placelessness). Marandola vai no mesmo sentido ao reafirmar a importância que os lugares adquirem atualmente, neste contexto:

(...) nunca estivemos tão apegados às circunstâncias que circunscrevem nosso mundo circundante, em razão da necessidade de construção da autoidentidade e do maior esforço de reconhecimento das diferentes mediações e experiências fragmentadas. A fluidez contemporânea não elimina a importância da relação originária com a casa natal e o lugar: cria outra possibilidade de autoidentidade(...). (Marandola 2019, p. 243)

Bem como: “o lugar não se enfraquece ontologicamente, mas apenas socialmente, continuando a ser essencial para segurança ontológica e processos autênticos de identidade”. (Ibid. p.243). Destaca-se que em meio a este processo que busca cada vez ser mais homogeneizante, afirmar nossas identidades e nossos lugares, é adotar uma postura de resistência. Neste contexto, salienta-se também que a literatura e a arte de forma geral, podem servir como importantes aliados

neste processo, pois os campos literário e artístico dizem respeito diretamente às nossas subjetividades, bem como são campos onde o espaço vivido adquire destaque, e conforme vimos, foi justamente graças à Geografia Humanista que passou a existir um maior interesse para com a Literatura e os espaços vividos no campo geográfico.

Esta relação entre os sujeitos e a arte acontece de forma dialética em um processo de influência mútua, na qual a arte não figura como agente passivo, apenas recebendo a interpretação dos leitores, mas ao contrário, ela influencia radicalmente todos que interagem com ela e estão abertos em sua subjetividade para esta interação. Saramago 2019, p. 207 destaca:

As obras da grande arte não contemplam a existência para depois representá-la na pintura, na música, na literatura, na escultura ou em qualquer gênero artístico. Muito pelo contrário é a existência, em suas diferentes configurações históricas que ganha identidade própria, que é compreendida e interpretada pelo poder das grandes obras de cada época. Essas grandes obras são iniciadoras de uma forma profunda e radical: são fundadoras de mundos históricos, de novas compreensões e interpretações da existência, dando a esta seu rosto. As obras de arte, portanto, não representam coisa alguma, mas as apresentam (ou “presentam”, tornando-se presentes, se assim pudéssemos dizer) de uma forma nova, marcadas pelo frescor de um novo começo.

Heidegger em *A origem da obra de arte* (1977) vai inclusive destacar o caráter ontológico das obras de arte em detrimento do seu caráter estético ao realçar o acontecer histórico do Ser que são postos em evidência pelas obras artísticas, deste modo reforça-se aqui mais uma vez que podemos observar também que o estudo do lugar possui uma base dialética bastante evidente, de modo que a relação Geografia crítica/Geografia humanista para a análise dos lugares não seria algo contraditório, mas sim complementar, figurando as artes em geral e a literatura em particular como importantes agentes nesta relação.

## 4.2 Relação entre geografia e literatura

Fernandes (2013) realiza uma abordagem historiográfica para mostrar as gêneses da aproximação entre geografia e literatura, neste trabalho, ele destaca que figuras essenciais para a consolidação do pensamento geográfico já caminhavam para essa aproximação:

Conforme levantamento historiográfico feito por Marc Brosseau (2007, p.17), entendemos que o interesse dos geógrafos pela Literatura não é novo. Este autor destaca que Paul Vidal de La Blache aponta para uma geografia existente na obra Odisseia em um artigo publicado nos Annales de Geografia em 1904. Também é importante notificar que Humboldt, autor base para o desenvolvimento do pensamento geográfico moderno dedicou dois capítulos dos Cosmos à Literatura e à pintura. (p.170)

O texto de Fernandes demonstra o início desta aproximação, pois mostra que já no período de consolidação da Geografia enquanto ciência, personagens essenciais para o seu estabelecimento enquanto disciplina acadêmica, respectivamente: Humboldt no século XIX e Paul Vidal De La Blache no século XX, fizeram referências à Literatura em suas obras.

Porém, devemos destacar que neste período as obras literárias eram utilizadas apenas como exemplificações e elementos ilustrativos para explicar determinados conceitos e categorias geográficas, deste modo, observamos que o interesse da ciência geográfica pela literatura não é algo novo, mas está na formação da própria Geografia enquanto ciência, porém, nesse período ainda não podemos falar em uma relação simbiótica ou completa de fato, pois o uso das obras literárias ocorria apenas de forma pontual e complementar. Desta forma, as obras romanescas, e por consequência a literatura, ainda não possuíam bases teóricas e conceituais capazes de concretizar uma verdadeira cientificidade como demonstra Fernandes (2013):

Não eram considerados suscetíveis de contribuir bases sólidas para uma geografia científica e rigorosa (Brosseau 2007, P.19). Dessa forma entendemos como os ideais associados à construção de uma cientificidade, à delimitação da Geografia como campo científico, não permitiram uma ampla difusão da relação geografia-Literatura ou ciência-arte. (p.171)

Conforme apontado anteriormente, tal realidade começou a mudar a partir dos anos 70, com a emergência da Geografia humanista, e o respectivo uso da literatura como um dos seus campos de estudo. Freud citado por Jérôme Roger (2002, p.96), já destacava a importância da literatura enquanto documento que pode auxiliar-nos no entendimento e aprofundamento dos variados aspectos que são objetos de análise nos ambientes formais de estudos:

“Poetas e romancistas são nossos preciosos aliados, e seu testemunho deve ser posto bem alto, pois conhecem mais coisas entre o céu e a terra do que a nossa sabedoria escolar não pode sequer sonhar”.

Deste modo, a literatura pode figurar além de um elemento subjetivo, um importante documento historiográfico ao mostrar os modos de vida, as relações sociais além do contexto histórico-geográfico de uma determinada sociedade.

Ao analisarmos por exemplo, obras de Dostoievski, e suas descrições da Rússia czarista do século XIX e toda a sua efervescência política e social, Gabriel Garcia Marques, onde ele, em sua obra principal (100 anos de solidão) junta Realismo fantástico e Romance histórico para retratar a América Latina e suas contradições, Mark Twain e sua descrição de parte dos Estados Unidos da segunda metade do século XIX, Lima Barreto e Euclides da Cunha, com a caracterização do Brasil recém abolição e proclamação da república, acontecimentos estes que não representaram mudanças significativas na estrutura social brasileira e que foram magistralmente representas em obras como Triste Fim de Policarpo Quaresma e Os Sertões.

Poderíamos citar inúmeros outros, mas o que gostaríamos de destacar aqui com esses exemplos é que a Literatura para além do seu valor estético ela possui também um valor documental, pois como já foi dito, para entender as obras devemos compreender tanto seu enredo como o seu contexto. Contextos esses que como sabemos são de uma determinada época, mas para entender o agora e projetar o futuro, temos que olhar o passado, pois como sabemos, a sociedade atual é uma herança e fruto de uma sucessão temporal. Neste quadro a literatura justamente por conta de sua liberdade artística permite uma maior possibilidade de interação com outros campos, esta foi uma das grandes contribuições dos geógrafos humanistas: usar a Literatura como objeto de estudo, não como uma fonte absoluta, mas usando-a com as bases epistemológicas e método científico da ciência geográfica.

Pois como sabemos, as tramas não ocorrem em um vácuo, mesmo obras eminentemente fantasiosas como as de Júlio Verne e H. G. Wells acontecem em um contexto bem delimitado, além de demonstrar os contextos e visões de mundo de suas respectivas épocas. Nelas também podem ser tratadas questões mais subjetivas e simbólicas da própria condição humana (e que deste modo guardam estreita relação com os objetos de estudo da corrente humanista), destaco aqui a figura do escritor tcheco Kafka, como exemplo; onde o autor retrata o sufocamento do sujeito frente as estruturas burocráticas da sociedade em que vivia, e as angústias do indivíduo para entender e se adequar ao mundo e seu conjunto de símbolos e regras, além de precisar enfrentar absurdos do cotidiano.

Estas questões foram magistralmente retratadas pelo autor em obras como: O Castelo, O Processo e A Metamorfose, onde são mostradas as dificuldades do ser humano em conviver com o próximo e consigo mesmo, além da necessidade de se compreender os diversos signos sociais dos quais não domina seus significados além de desconhecer seus fins. Deste modo, o universo kafkiano retrata como poucos a contraditória condição humana, além dos sentimentos de ansiedade, vazio e tristeza que hoje se fazem tão presentes na contemporaneidade.

Destaco que os universos kafkiano e freudiano servem-nos como importantes ferramentas para retratar a condição humana bem como o espírito de uma época (*Zeitgeist*) que no nosso entendimento iniciou no século XX e perdura até hoje, algo que pode ser mais aprofundado ao analisar as obras literárias de Kafka com as obras psicanalíticas de Freud, em especial O Mal Estar na Civilização (1929).

Mas voltando aos elementos geográficos e literários: Monteiro (2002, p. 232) foi bem assertivo ao mostrar o papel da literatura enquanto espelho da sociedade: “A literatura através do romance-ficção-criação artística, em sua proposta de nos dar uma visão particular do mundo- o homem e seu ofício de viver-, tem que se revestir de uma estrutura espaço-temporal”.

Reforço que as ciência e as artes, apesar de possuírem métodos e conceitos próprios, ambas podem interagir e influenciar-se, mesmo a primeira tendo como principais características ser mais pragmática e objetiva, e a segunda ser artística e mais subjetiva, justamente neste entrelace de pontos divergentes é que podemos falar em um processo de convergência e complementação que pode existir entre esses dois campos, algo que já foi apontado por Theodoro Adorno, um dos principais teóricos da escola de Frankfurt:

“Embora arte e ciência tenham se separado na história, não se deve hipostasiar seu antagonismo” (Adorno, 2003, p.22), pois como sabemos, ambas linguagens procuram desvendar a vida, bem como o ser humano e suas incógnitas cada uma ao seu modo. Em razão disto, destaca-se a importância que a arte, em especial a Literatura tem para aprofundar os estudos geográficos.

Dardel (2011) define geograficidade como as ligações teóricas, práticas, afetivas e simbólicas do ser com o espaço, de modo que este conceito guarda estreita relação com o conceito de Ser no mundo de Heidegger, desta forma quando Moreira,( 2007, p.158), fala que :“A literatura talvez seja a forma mais pura de apreensão da geograficidade”, ele demonstra a importância da literatura para contribuir com o processo de compreensão de uma determinada realidade, através da relação tríplice que existe entre autor, obra e leitor, pois da relação destes três agentes, podemos falar de um processo de síntese interpretativa no qual abre-se múltiplas possibilidades teóricas, práticas, afetivas, simbólicas e interpretativas tanto do enredo como dos personagens e de seus respectivos contextos. Para mostrar a importância da literatura para a geografia, destaca Monbeig (1957, p.53), “Antes de escrever, o geógrafo deveria pôr-se em contato com a literatura, no sentido estrito da palavra”, ao enfatizar a expressão sentido da palavra, ele destaca a importância da literatura para formar no sujeito o processo de sensibilização e afetividade, bem como para ampliar o leque de fundamentação teórica e compreensão dos variados signos expressos e ocultos que o geógrafo pode encontrar em seus estudos.

Oliveira (2016), destaca que esta relação é mútua, na qual ambas disciplinas irão contribuir com a outra através de seus conceitos e elementos que lhes são próprios, através um processo interdisciplinar:

A literatura pode ser vista como uma linguagem gráfica da experiência humana com seu meio. E, dessa forma, ela pode ser muito aproveitada nas questões geográficas, pois abre diferentes perspectivas de construção do saber geográfico. E, invertendo a relação, a geografia por sua vez, pode ser uma ferramenta fundamental para a literatura, no momento em que ela venha possibilitar a configuração das relações de existência do homem em seu meio na narrativa do romance, seja através da paisagem e de seu conteúdo; ou das características identitárias de uma região; ou dos conflitos territoriais e as disputas de poder; ou das infinitudes de retratações dos lugares, entre tantos outros exemplos. (Oliveira, 2016, p.249)

Sendo assim, diversos temas e objetos de estudos os quais consideramos eminentemente geográficos, podem ser melhor trabalhados e discutidos através de sua aproximação com a Literatura. Deste modo, estudar a Literatura por uma perspectiva geográfica, e a Geografia por uma perspectiva literária seria uma atividade sintetizadora, pois por meio da sua subjetividade o sujeito expande sua percepção e visão de mundo através da imaginação e exercício intelectual sem perder de vista as dimensões geográficas e objetivas do texto.

O sociólogo e crítico literário Antônio Cândido (2012), diz que a literatura é uma necessidade universal e um instrumento de humanização, Yunes (Ibid., p.84), vai no mesmo sentido ao destacar:

Na medida em que a literatura (e mais artes e expressões culturais) desloca o sintagma cotidiano e permite entrever novos paradigmas para pensar a dignidade do sujeito, entender a trama da vida ela, de fato se constitui em um direito humano(...)

Observamos deste modo que para além de seu caráter estético, a Literatura possui este forte caráter humanizador, ao representar o ser humano em seu mais variados e profundos aspectos, além do mais, ela pode servir como importante

ferramenta de denúncia, no Brasil tal aspecto ficou mais evidente a partir dos anos 30 do século XX, com a emergência da segunda fase do modernismo brasileiro quando as questões sociais passaram a ser o principal objeto das tramas literárias deste período, algo que pode ser observado ao analisar os principais autores desta época: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, dentre outros. Destaca-se que estes aspectos de mostrar as mazelas e pobreza do Brasil através da literatura começou com as escolas Realista e Naturalista<sup>6</sup>, algo que pode ser visto em obras como *O Cortiço*, mas foi com o modernismo que isto passou a ser discutida e principalmente denunciada através da literatura, conforme aponta Candido (1989, p.13)

O que os caracteriza, todavia é a superação do otimismo patriótico, e a adoção de um certo tipo de pessimismo diferente do que ocorria na literatura naturalista, pois enquanto este focalizava o homem pobre como elemento refratário ao progresso, eles (modernistas), desvendam a situação na sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu destino individual.

De modo que estes autores, dentre muitos outros, passaram a utilizar de suas produções literárias para denunciar e desnudar todo um processo secular de exploração e desigualdade existente no Brasil, além disso, passou-se a valorizar os elementos do cotidiano e do espaço vivido nas narrativas. A partir deste momento, a literatura passou a existir no Brasil como instrumento de denúncia, acentuando deste modo sua capacidade de ampliar a visão de mundo dos leitores e apresentar outras perspectivas, possibilidades e realidades, de forma que ela é hoje uma importante aliada para o desenvolvimento do senso crítico e para o exercício da cidadania.

A interdisciplinaridade é um imperativo para o atual processo de ensino aprendizagem. Para o ensino de Geografia, não é diferente: deve-se buscar contextualizar seu arcabouço teórico com os outros campos do conhecimento. De modo que Libâneo (2002, p.37) destaca:

---

<sup>6</sup> Corrente literária surgida na França no século XIX, teve como pioneiro Émile Zola e que tem como principais características retratar os seres humanos em seus aspectos mais animalesco e representar a sociedade de forma mais objetiva, biológica e engajada.

“O que se agrega aqui, em termos de pensar crítico, é a capacidade de problematizar, ou seja, de aplicar conceitos como forma de apropriação dos objetos do conhecimento a partir de um enfoque totalizante da realidade”.

Neste contexto a relação Geografia-Literatura em sala de aula, através dos seus conceitos e conteúdos específicos, podem contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes enquanto agentes atuantes na sociedade.

Como destacado, o interesse dos geógrafos pela literatura sempre existiu, no Brasil isto não foi diferente: o geógrafo Aziz Ab' Saber relata em seu livro de memórias: *O Que É Ser Geógrafo* (2007), que foi muito influenciado pelas obras de Graciliano Ramos, bem como uma obra que muito o impressionou foi *Os Sertões* de Euclides da Cunha, na mesma obra ele cita vários outros representantes da literatura brasileira, em especial os da corrente regionalista: Dalcio Jurandir, José Lins do Rego, Jorge Amado.

A literatura teve forte influência em sua vida e em seu trabalho, pois o mesmo destacou: “ Eu via Geografia através dos Romances” (Saber, 2007 p.47). Podemos observar desta forma, o quanto a Literatura se fez e se faz importante, seja contribuindo para o desenvolvimento do senso crítico, ou sendo utilizada em sala de aula em um contexto interdisciplinar; no caso específico com a Geografia.

Esses aspectos de humanização, desenvolvimento de senso crítico e aquisição de conhecimento através da leitura é uma tarefa cada vez mais necessária, onde os dados demonstram o quanto a leitura em geral está pouco presente na vida dos jovens em idade escolar conforme pode ser observado nos dados da 5ª edição da pesquisa retratos da leitura no Brasil, onde observou-se que a média de livros inteiros lidos nos últimos 12 meses (em 2019) foi de apenas 2,55, os dados completos podem ser conferidos no site: [www.prolivro.org.br](http://www.prolivro.org.br).<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil**, realizada pelo Instituto Pró-Livro a partir de 2007, é a única pesquisa em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. A referida pesquisa teve abrangência nacional no qual foram entrevistadas 8076 pessoas em 208 municípios e em todas capitais, entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, utilizando como método entrevista face a face, com registro em tablets. Fonte: [www.prolivro.com](http://www.prolivro.com)

## 5- ANÁLISE DO LUGAR EM VIDAS SECAS E HOMENS E CARANGUEJOS

Seguindo a trilha metodológica proposta, parto agora para análise de duas obras da literatura brasileira que ao nosso ver possui em seu enredo um importante viés geográfico tanto do ponto de vista temático como conceitual, além de possuírem um caráter de complementaridade em suas respectivas narrativas e que deste modo podem ser analisadas e trabalhadas de forma sequencial: *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro.

*Vidas Secas* é uma das obras mais representativa da literatura brasileira, especificamente da segunda geração do modernismo brasileiro, no que se convencionou chamar de corrente regionalista.<sup>8</sup> Ela foi escrita pelo alagoano Graciliano Ramos de Oliveira em 1938. A obra é dividida em treze capítulos relativamente autônomos, onde cada capítulo pode ser lido em forma de conto, narrado em terceira pessoa, conta a história de uma família de retirantes do sertão nordestino: o vaqueiro Fabiano, a sinhá Vitória, seus dois filhos e a cachorra Baleia, destaque de início que o animal possui um nome e os dois filhos do casal não, isto tem um grande simbolismo, pois no decorrer da obra observa-se um processo de humanização do animal e animalização dos humanos. A família, em seu processo de deslocamento é submetida à uma série de infelizes eventos, não só climáticos em virtude da seca, mas sobretudo sociais como a pobreza, fome e a sistemática exploração provocada pela concentração fundiária.

Esta obra enquanto uma das mais representativas da segunda fase do modernismo brasileiro tem um grande viés de denúncia onde a questão da seca é apresentada como uma intempérie climática, quase que fatalista, mas cujos efeitos são potencializados por fatores sociais, tal qual o secular processo de exploração e a concentração fundiária. O capítulo inicial simbolicamente denominado mudança já sintetiza (aliás, síntese é a palavra chave do livro: síntese descritiva e sobretudo síntese dialógica) as questões que permeiam toda a obra.

Dois dos principais temas que se destacam na obra são: o desenraizamento forçado dos lugares e a desterritorialização. Cabe aqui uma breve explicação para o

---

<sup>8</sup> A segunda fase do modernismo brasileiro também chamada de geração de 30, compreende as produções literárias entre 1930 e 1945, esta corrente destaca-se pela valorização ao espaço vivido dos personagens e pelo teor de crítica social. Na prosa destacam-se autores como: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Jorge Amado. Destaca-se também José Américo de Almeida que em 1928, lança o romance *A Bagaceira*, o que é considerado, junto com *Macunaíma* de Mário de Andrade, o marco inicial do Romance regionalista e que também é considerada a obra que inaugurou a denúncia do drama da seca na literatura brasileira.

termo desterritorialização<sup>9</sup>: “Entendemos a desterritorialização como o movimento pelo qual se abandona o território, “É a operação de linha de fuga(...)”. (Deleuze; Guattari; 1999, p.224 apud Haesbalrt, 2009, p.127), este processo de saída, ou fuga, é uma característica inerente ao capitalismo, um imperativo do capital, independente do grau de desenvolvimento que o capitalismo atingiu em determinada sociedade, seja ela de capitalismo mais antigo ou de capitalismo tardio, como o caso do Brasil.

Neste contexto, Deleuze e Guattari destacam a importância da Geografia para entender o processo de migração/fuga que culminam no que os autores cunharam por desterritorialização, eles destacam que a Filosofia é uma geo-filosofia e a História é uma geo-história (1992), contribuindo desta forma para a criação de uma abordagem tanto social como pessoal da Geografia (Haesbaert, Bruce, 2002):

A geografia não se contenta em fornecer uma matéria e lugares variáveis para a forma histórica. Ela não é somente humana e física, mas mental, como a paisagem. Ela arranca a história do culto da necessidade, para fazer valer a irredutibilidade da contingência. Ela a arranca do culto das origens, para afirmar a potência de um ‘meio’ (o que a filosofia encontra entre os gregos, dizia Nietzsche, não é uma origem, mas um meio, um ambiente, uma atmosfera ambiente: o filósofo deixa de ser cometa...). Ela a arranca das estruturas, para traçar as linhas de fuga que passam pelo mundo grego, através do Mediterrâneo. Enfim, ela arranca a história de si mesma para descobrir os devires, que não são a história mesmo quando nela recaem (...) (ibid., p.125).

---

<sup>9</sup> O termo desterritorialização foi cunhado pelo filósofo francês Gilles Deleuze e Félix Guattari, tal conceito possui inicialmente uma abordagem psicanalista, porém suas obras tiveram um impacto profundo nas ciências humanas e sociais influenciando geógrafos como Milton Santos. Para um maior entendimento, recomenda-se a obra *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia* (1972), escrito em parceria com o também psicanalista e psiquiatra Félix Guattari, onde os autores desenvolvem uma abordagem geo-histórica do termo, desde as sociedades tradicionais até as sociedades capitalistas, nesta obra os autores destacam que a desterritorialização é intrínseca às sociedades capitalistas. Em *Geografia desterritorialização* foi definido por Santos como: “Desterritorialização é, frequentemente, uma palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização”. (2006, pg.222):” Construimos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização (...) precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” (cit. in HAESBAERT, 2004, p 99).

O último capítulo de *Vidas Secas* é intitulado fuga, ou seja, a obra termina da mesma forma que começa: com a família em movimento, desta vez migrando/fugindo para um local idealizado, sua terra prometida: a cidade grande. Isso explicita na obra os fenômenos de desterritorialização/reterritorialização segundo as abordagens de Deleuze e Guattari:

(...) No *Capital*, Marx mostra o encontro de dois elementos 'principais': dum lado, o trabalhador desterritorializado, transformado em trabalhador livre e nu, tendo para vender a sua força de trabalho; do outro, o dinheiro descodificado, transformado em capital e capaz de a comprar. Estes dois fluxos, de produtores e de dinheiro, implicam vários processos de descodificação e de desterritorialização com origens muito diferentes. Para o trabalhador livre: desterritorialização do solo por privatização; descodificação dos instrumentos de produção por apropriação; privação dos meios de consumo por dissolução da família e da corporação; por fim, descodificação do trabalhador em proveito do próprio trabalho ou da máquina. Para o capital: desterritorialização da riqueza por abstração monetária; descodificação dos fluxos de produção pelo capital mercantil; descodificação dos Estados pelo capital financeiro e pelas dívidas públicas; descodificação dos meios de produção pela formação do capital industrial, etc. (DELEUZE; GUATTARI apud HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 11).

Fazendo um diálogo tanto metodológico quanto conceitual destes aspectos vividos em *Vidas secas*, observa-se que em uma obra escrita vinte e nove anos depois, outro nordestino, desta vez um pernambucano, lança um livro em que retrata os impactos que a desterritorialização/reterritorialização dos sertanejos, (tal qual Fabiano e sua família) tiveram nas cidades grandes, no caso específico usando a cidade de Recife como cenário.

Esta obra foi *Homens e Caranguejos*, escrita pelo médico-geógrafo Josué de Castro em 1967, quando este estava exilado em Paris, é sua única obra de ficção. Nesta obra é apresentada uma Recife que cresceu em grande parte através dos retirantes. A cidade é retratada sobretudo através dos seus bairros pobres, suas áreas de risco e suas palafitas.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Tipo de construção feita em regiões alagadiças como mangues e leito de rios, construída basicamente com madeira. No Recife Aproximadamente 4.700 famílias vivem em palafitas, segundo dados do Plano Municipal de Habitação. <https://jc.ne10.uol.com.br>. acesso em 16/06/2023

**Palafitas em Recife. Ontem e hoje:**



**Figura 1**

**Mocambo construído à margem do Capibaribe, na Rua da Aurora, antes do processo de urbanização do Recife, que teve início nos anos 40. Foto: <https://www.diariodepernambuco.com.br> . Acesso em 16/06/2023**



**Figura 2 Foto tirada em 2022 de palafitas no bairro do Pina, um dos bairros retratados em Homens e caranguejos. Foto: <http://www.livrotecabrincantedopina.siteo.one>. Acesso em 16/06/2023**

Como é sabido, Josué de Castro destacou-se mais como médico e geógrafo do que como romancista, mundialmente conhecido pelas obras: Geografia da Fome e Geopolítica Da Fome. A obra Homens e Caranguejos foi escrita em tom memorialístico e autobiográfico é dividida em treze capítulos e narra a história de João Paulo, um garoto morador de um dos inúmeros bairros pobres de Recife e que vive cercado pelo mangue, de onde tira seu sustento (assim como os demais personagens da obra) e que desde cedo se depara com a miséria e contradições de uma grande cidade: Recife, chamada por alguns de Veneza brasileira por conta de seus rios e nomeada por Josué de Castro como Hong Kong da América, por conta da: “Sua miséria acumulada, empastada neste grupo de ilhas que flutuam, sonolentas, entre os braços dos dois rios: o Capibaribe e o Beberibe” (2005 p.13) isto já demonstra o teor crítico da obra. Esta cidade é um grande exemplo da convivência dialética de sociedade dividida entre uma estrutura agrária arcaica e uma estrutura do capitalismo tardio<sup>11</sup>, algo que marcou a urbanização brasileira como um todo, o próprio Josué de Castro escreveu no prefácio de Homens e Caranguejos (Idem, Ibid. p.14):

“Desta sociedade que, economicamente, também é anfíbia, pois que vegeta nas margens ou bordas de duas estruturas econômicas que a História até hoje não costurou num mesmo tecido: a estrutura agrária feudal e a estrutura capitalista” os efeitos e contradições desta dualidade se fazem sentir até hoje não só no Recife, mas no Nordeste brasileiro como um todo.

O próprio Josué de Castro tem conhecimento de causa para falar deste processo de migração/desterritorialização, pois antes mesmo de iniciar seus estudos de cunho geográfico já conhecia sobre estas questões em casa, pois é filho de um retirante: Apolônio de Castro, sobrevivente da famigerada seca dos três sete:<sup>12</sup> “Pelas terras cinzentas do sertão seco, onde nasceu meu pai e de onde emigrou na seca de 1877”. (ibid. p.16)

---

<sup>11</sup> Para um melhor entendimento desta questão, recomenda-se a leitura do livro A Revolução Burguesa no Brasil de Florestan Fernandes.

<sup>12</sup> Também conhecido como a grande seca, ocorreu entre os anos de 1877 a 1879, estima-se que tenha causado a morte de 500 mil pessoas por causa direta da fome e de doenças dela relacionadas tal qual a varíola, apenas no Ceará no ano de 1878 ela causou a morte de 119 mil pessoas. Para mais detalhes recomenda-se a leitura de The Great drought: northeast Brazil, 1877-1880, de Roger Cuniff. Na ficção recomenda-se a leitura de A fome de Rodolfo Teófilo. <https://blogs.diariodepernambuco.com.br>. Acesso em 18/06/2023

Registros jornalístico da época sobre a seca dos três sete (1877-1879)



Figura 3

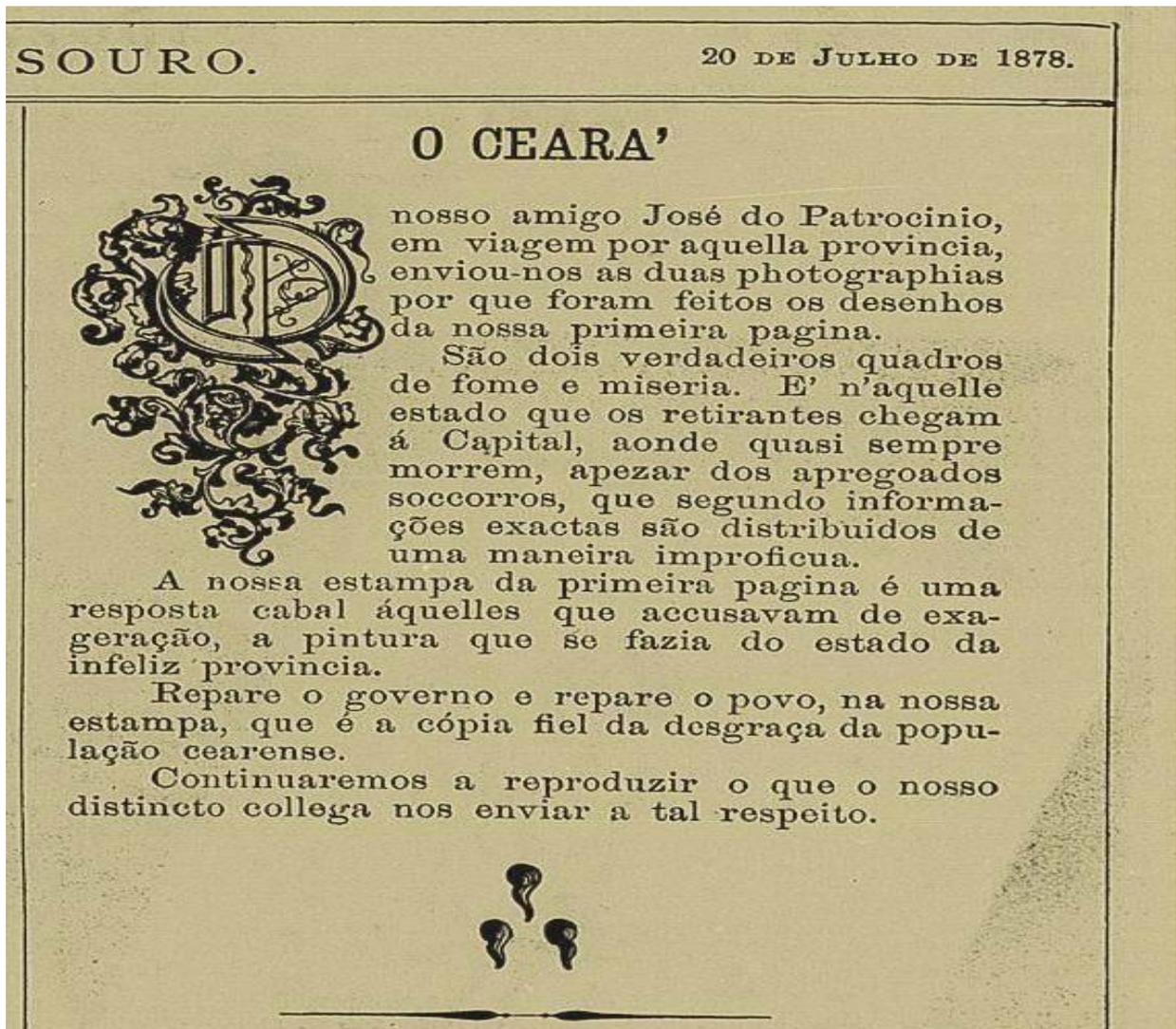


Figura 4

Fonte: <http://brasilianafotografica.bn.br>. Acesso em 17/05/2023

### 5.1 Vidas secas

Como já destacado anteriormente, o presente trabalho fundamenta-se na Geografia Humanista e tem o lugar como conceito chave, deste modo seguindo a sequência metodológica proposta, esta parte do trabalho será feita em diálogo com uma das obras fundamentais da geografia humanista: O livro Espaço e Lugar, A Perspectiva da Experiência, de Yi-Fu Tuan, obra publicada em 1977, e lançada no Brasil em 1983, sendo até hoje uma obra seminal para a Geografia como um todo bem como para entender a corrente humanista em particular.

Esta obra trouxe para o debate geográfico novos paradigmas epistemológicos, em especial no que diz respeito a experiências cotidianas dos sujeitos nos seus respectivos espaços de vivências; algo que pode ser observado ao analisarmos os títulos de alguns capítulos: Perspectiva Experiencial; Espaço, Lugar e Criança; Corpo, Relações Pessoais e Valores Espaciais; Espaço Mítico e Lugar; Tempo no Espaço Experiencial; Experiências Íntimas Com o Lugar; Tempo e Lugar. Esta obra destaca-se também pelo fato de aprofundar e de abrir novas possibilidades de diálogos com campos até então obliterados dos estudos geográficos, como a Psicologia, Antropologia, Arquitetura e Literatura, sobre esta última, Tuan, (p.180, 1983) destaca:

A arte literária pode tornar conhecidas modestas áreas trabalhadas pelo homem como uma pequena cidade do meio-oeste, um município do Mississipi, um bairro de uma cidade grande ou um vale no Apalaches. A arte literária chama a atenção para áreas de experiências que de outro modo passariam despercebidas.

Desta forma parto agora para uma análise relacionando a obra de Tuan com o livro *Vidas Secas*, para mostrar de que modo a obra de Graciliano pode auxiliar-nos na compreensão, bem como na contribuição para um melhor entendimento de temas, objetos e conceitos geográficos, que doutro modo poderiam passar despercebidos nos estudos geográficos, em especial o lugar e a questão da migração/êxodo rural, utilizando o semiárido nordestino como cenário exemplificativo. Tuan destaca que o tema central de sua obra é saber como o ser humano experiencia e entende o mundo (p.5), de modo que o termo experiência é a palavra-chave do livro. O referido termo possui um caráter polissêmico e abarca tanto os elementos micros, quanto macros da existência humana.

Segundo o dicionário Oxford (2007), experiência é todo o conhecimento adquirido através da utilização dos sentidos, esta é certamente a definição que é utilizada por Tuan em sua obra, e a que utilizaremos aqui. No capítulo II, intitulado *Perspectiva experiencial*, o autor destaca que a experiência é algo que envolve sensação, percepção e concepção, destacando que este caráter tripartido é o que torna os elementos experienciais algo tão rico, pois implica a capacidade de

aprender a partir da própria vivência, sendo deste modo uma relação simbiótica do sujeito mediada pelo meio. Meio este que é complexo, justamente pelas suas múltiplas escalas e dimensões; pode ser o próprio mundo, uma sala de aula ou até mesmo uma obra literária.

No capítulo III, o autor destaca o processo de desenvolvimento das noções espaciais nas crianças, bem como de que modo elas passam a compreender e experienciar seu lugar no mundo. O autor destaca que esta interação com o mundo acontece primeiramente através de um processo sensório-motor de relação com o ambiente, nesta parte o autor destaca: “As coisas não são bem reais até que tenham nomes e possam ser classificadas de alguma maneira” (pg. 33), este trecho relaciona-se diretamente com a passagem a seguir, de *Vidas Secas*:

Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-se com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras da loja tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos, livres dos nomes as coisas ficavam distantes, misteriosas. (p.122, 2008).

Nós, enquanto seres humanos, precisamos nomear todo o universo que nos rodeia, bem como o nosso universo interior, pois o ato de nomear pessoas, objetos e sentimentos, faz parte do nosso processo de organizar, classificar e perceber a realidade, isso é algo que parte do processo ontológico do ser humano enquanto tal, de modo que a necessidade humana de nomear para classificar e organizar o mundo, seja ele interior ou exterior; próximo ou distante é algo que é objeto de estudo desde a antiguidade clássica, basta observarmos que tal questão já havia sido objeto de estudo de diversos filósofos clássicos, a exemplo de Platão<sup>13</sup>; se há um nome é porque há algo a ser nomeado.

Deste modo, usar um nome é estabelecer um compromisso que aquilo existe de fato e diferenciar um objeto, fenômeno ou pessoa dos demais, porém, observa-se em *Vidas Secas*, que as próprias crianças que questionam o nome das coisas sequer possuem nomes.

---

<sup>13</sup> Ver em Platão. *Diálogo. Teeteto Crátilo*. 3 ed. Belém. UFPA, 2001.

Aqui cabe a indagação: se o nome serve para identificar, cabe os questionamentos; onde estão suas identidades? Alguém as roubou? Ou nunca sequer tiveram direitos à uma? Um dado interessante é que diferentemente das crianças o animal de “estimação” possui um nome.

Destacamos desta forma que o fato de as duas crianças passarem todo o enredo sem sequer serem nomeadas significa mostrar a negação de suas identidades e seu processo de invisibilidades social, aliás, no capitalismo algo que não falta são pessoas invisíveis socialmente; elas estão por toda parte, porém não as vemos. Quando Graciliano Ramos aponta para este fenômeno justamente nas crianças ele aponta para o prolongamento e continuação deste processo de invisibilidade social.

Benjamin (2013, p.55) destaca: “ A essência do homem está no fato de ele nomear as coisas”, o pré-socrático Heráclito de Éfeso(1973), considerado o pai da Dialética, escreveu, sobre : “ Homens que não sabem ouvir nem falar”, não sabem ouvir pois não compreendem o significado das palavras e seus códigos simbólicos, bem como não sabem falar justamente porque não dominam esses signos, em Vidas Secas isto ocorre não por uma incapacidade biológica, ou limitação cognitiva, mas sim, porque lhes foram negadas de forma contínua e sistemática estes direitos básicos. Essa impossibilidade de exercer um direito básico por conta de uma estrutura secular de dominação, e que está fadada a um processo de continuação (vide o caso das crianças), em um contexto estrutural de exploração, pode ser melhor estudada e combatida com o aporte teórico da Geografia crítica e de suas análises das estruturas sociais e macroeconômicas. Destaca-se que a impossibilidade de se expressar verbalmente não atinge apenas as crianças, conforme pode ser visto na passagem a seguir:

Fabiano também não sabia falar. As vezes largava nome arrevesado, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse...Ah se pudesse, atacaria o soldado amarelo que espancavam as criaturas inofensivas (...) sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiras. Mas eram bonitas. (p.145)

No capítulo VII denominado espaço mítico e lugar, Tuan define espaço mítico e os seus dois significados:

O espaço mítico é uma área imprecisa de conhecimento, deficiente envolvendo o empiricamente conhecido; emoldura o espaço pragmático. No outro é o componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio da qual as pessoas realizam suas atividades práticas. (p. 97)

Em ambas definições destacam-se os conceitos de espaço pragmático e atividades práticas, mostrando a prevalência das atividades cotidianas e dos elementos empíricos para suas respectivas construções, ressaltando o valor das atividades práticas e dos respectivos espaços de vivência para o processo de aquisição das noções espaciais, mesmo que de forma imprecisa e deficitária, mas que ainda assim é de vital importância, pois representa o início de um processo de apreensão cognitiva dos espaços, algo que futuramente pode gerar um aprofundamento da compreensão e transformação destes mesmos espaços. Outro ponto que o autor discute, e que merece ser destacado, é sobre o espaço familiar. O espaço vivido representa segurança, é nossa zona de conforto. Isso fica evidente em Fabiano e sua família, que ao saírem de seus ambientes cotidianos, sentem o peso da subjugação e desconforto dos ambientes aos quais não estão acostumados a conviver.

Pois as relações humanas são calcadas também por relações de poder, algo que fica evidente se formos analisar o território, porém o lugar também é perpassado por essas relações e se fazem sentir principalmente por aqueles que não pertencem aquele espaço e desta forma não dominam os seus signos, conforme aponta Callai; 2009, p.119:

“Os espaços são também seletivos, ao mesmo tempo que podem acolher, podem excluir, dependendo das relações econômicas, da cultura, do acesso aos bens produzidos socialmente, e que muitas vezes são apropriados particularizadamente.”

Tal sentimento de deslocamento e não pertencimento é visto em *Vidas Secas* em diversos momentos: “Não sentiam curiosidades, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda(...), aquilo, porém, era esquisito(...).” (Ramos, 2008 p.116).

“Os meninos também se espantavam. No mundo subitamente alargado, viam Fabiano e sinhá Vitória muito reduzidos...” (Ibid.).

“Fabiano estava silencioso(...), a multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o” (Ibid.).

Como visto anteriormente, um conceito de destaque na Geografia humanista é a Topofilia, para se referir ao sentimento de identificação e pertencimento com um lugar. Na obra, o sentimento de pertencimento da família (a cachorra inclusive), é em relação à fazenda, e quando saem deste ambiente, sentem o peso do desconforto, conforme visto nos trechos acima. Tal sentimento de estranheza frente aos ambientes que não nos são comuns, faz parte da própria natureza humana e afeta em maior ou menor medida, todos nós; quando nos encontramos em um ambiente que não é nosso; com o qual não nos identificamos, temos o desconforto, um sentimento de estranhamento, quanto isto ocorre, temos a emergência do que Marc Augé (2005, p. 67), chama de não-lugar: “Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar.”

Deste modo, topofilia e não-lugar são conceitos antagônicos, mas também complementares, que discutidos de forma conjunta podem nos auxiliar para melhor entender a lógica dialética presente na construção dos lugares e de suas respectivas identidades. De modo que dominar esses dois conceitos são essenciais para discutir os lugares, em especial em sala de aula, pois a partir destes, podemos iniciar a discussão: Como são formados os lugares? E os não-lugares? Tais questões são hoje mais pertinentes do que nunca, em um mundo cada vez mais fluído e dinâmico, onde observa-se um interesse, principalmente do grande capital, para formação de não-lugares.

Desta forma, como visto anteriormente, o lugar pode figurar como ambiente de resistência, neste contexto histórico em que vivemos, o qual Augé vai chamar de supermodernidade, Harvey, de pós-modernidade e Bauman de modernidade líquida.<sup>14</sup> Tuan (p.99) destaca: “os pequenos mundos da experiência direta são bordejados por áreas muito mais amplas, conhecidas indiretamente através de meios simbólicos.” Isso acontece com Fabiano e sua família e também acontece com todos nós, pois na impossibilidade de se conhecer o todo, conhecemos as partes que para nós possuem maior significado, pois podemos conhecer bem nosso bairro, mas é possível que desconheçamos o bairro vizinho e vice-versa, e as pessoas de ambos espaços compartilham um conhecimento difuso sobre uma área maior; a cidade por exemplo.

Tuan trouxe essas discussões nas décadas de 70 e 80, porém hoje observa-se um aumento desta questão, pois nota-se cada vez mais um processo de fragmentação espacial e segregação territorial. Observa-se um aumento do desconhecimento e alienação proposital dos espaços, isto é uma característica intrínseca do capitalismo, onde são construídos diversos espaços com o propósito explícito de segregar, esses espaços podem ser um condomínio residencial, um shopping center, um carro particular ou até mesmo uma escola. É preciso deste modo trazer luz à essa discussão, em especial em sala de aula, onde questões como direito à cidade e segregação territorial, podem (e devem) ser debatidas. É necessário também destacar que olhar não é a mesma coisa que ver, e que conhecer algo é mais do que ter informações sobre ela, pois: “A parte pode ser essencial para o conhecimento do todo, mas a parte não é o todo em miniatura e em essência”. (Tuan, 1974 p.112).

A relação entre linguagem e relações de poder é outro tema que também é objeto de estudo da Geografia humanista e que está presente em *Vidas Secas*: “As palavras contêm intensificam o sentimento. Sem palavras, o sentimento atinge um máximo momentâneo e rapidamente desaparece.” (Ibid. p.119). A questão das palavras, ou melhor, da falta delas, é uma das características principais de *Vidas Secas*: quase não há diálogo entre os membros da família, algo que segundo Tuan representa um obstáculo para um maior enraizamento e interação entre as pessoas.

---

<sup>14</sup> Augé, Marc. 1992. Harvey, David. 1992. Bauman, Zygmunt.1999.

Observa-se por exemplo, que o próprio papagaio da família, não tendo a voz de nenhum ser humano para imitar, passa a imitar os outros animais.

Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro aboiava, tangendo um gado imaginário, e latia arremedando a cachorra. (Ramos, 2008 p. 18)

A preocupação sobre o perigo das palavras e as respectivas relações de poder que elas representam, materializa-se no capítulo denominado Cadeia, no qual Fabiano encontra o soldado amarelo, símbolo de autoridade e da força do Estado: “Levantou-se e caminhou atrás do soldado amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substancia, mas pensava pouco e obedecia”. (Ibid. p. 43). O soldado valendo-se de sua autoridade, outorgada pelo Estado, usa de sua posição para espancar e encarcerar Fabiano de forma arbitrária, o vaqueiro sabe que este fato está relacionado diretamente à sua condição e limitações:

Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? (...) nunca vira uma escola por isso não conseguia defender-se. (Ibid. p.49)

Continuando suas reflexões Fabiano sabe do poder que as palavras possuem, tanto para dominar quanto para se defender: “Fabiano também não sabia falar (...). Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse...Ah! se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam criaturas inofensivas” (Ibid. p.50). Conforme destacado, a linguagem, além de ser um instrumento de poder, é um dos elementos que nos tornam humanos, deste modo ao mostrar essa incapacidade da família, de expressar sentimentos e pensamentos através da linguagem, Graciliano Ramos mostra o processo de desumanização ao qual eles estão submetidos.

Em contrapartida, o autor no decorrer da obra trata do processo de humanização pela qual a cachorra Baleia passa, não apenas pelo fato dela ser uma personagem nomeada, mas também pelos seus pensamentos, conforme pode ser observado nos trechos abaixo:

Tentaram explicar-lhe que tinham tido susto enorme por causa dela, mas baleia não ligou importância à explicação. Achava é que perdiam tempo num lugar esquisito, cheio de odores desconhecidos. Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas percebeu que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos. (Ibid. p.121)

“Tinha havido um desastre, mas baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidade. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração”. (Ibid. p.135)

Conforme vimos até aqui, na Geografia humanista, o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. Tuan (1983) define lugares íntimos como lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção, bem como representa uma pausa no movimento.

De modo que para que o espaço se transforme em lugar, é necessário pausa. Destaca-se que isto é algo cada vez mais difícil no mundo contemporâneo, marcado pelo dinamismo, imediatismo e sucessão vertiginosa dos acontecimentos.

Nesta realidade, o “simples” fato de pausar e focar em algo, por si, já representa um ato disruptivo, de modo que ensinar a parar e prestar atenção ao que está ao nosso redor é uma grande contribuição que o professor pode dar através de sua prática pedagógica. De modo que ao se trabalhar o lugar em sala de aula, devemos primeiramente mostrar a necessidade de parar e observar, bem como destacar que os lugares em si, não necessitam de grandes acontecimentos ou fatos para se constituírem enquanto tal, pois: “Estes são formados basicamente pelas ações do cotidiano: os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em sentimento profundo pelo lugar” (Tuan, pg.158, 1983).

Neste contexto é que se destaca o papel do professor para auxiliar na transição deste conhecimento difuso, abstrato dos conceitos geográficos, necessários para ler e compreender o mundo, em um conhecimento sistemático e concreto. Se a permanência é uma condição *sine qua non* para a criação de vínculos e para a formação da noção de lugar, através da leitura de *Vidas Secas*, surge então a questão: como formar vínculos com o ambiente quando o que existe é uma perene impermanência? Como podemos ver nos trechos abaixo:

“Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede”. (Ramos, 2008 p.33). “Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria para fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos”. (Ibid. p.34), neste contexto é necessário trabalhar com o conceito de não-lugar, pois tal definição ajuda a entender tanto as questões relacionadas à família de retirantes, como até mesmo as questões relacionadas à contemporaneidade.

Conforme vimos em Augé, (1992) o lugar é um elemento que apresenta características identitárias, relacionais e histórica, deste modo, conforme o autor, é uma noção que requer tempo para ser formada. O oposto desse conceito é o não-lugar, ou seja, locais onde o sujeito não consegue estabelecer vínculos relacionais e identitários, em suma; um ambiente onde estamos de passagem; são deste modo esvaziados de sentidos para aqueles que os ocupam ou habitam, são locais onde estamos de forma transitória, tal qual pode ser visto nas reflexões do vaqueiro Fabiano, de que estavam ali de passagem e tinham ciência disto. Em determinado momento, eles até procuram formar vínculos com o local, mas a realidade objetiva se impõe e os trazem de volta: Estavam ali por pouco tempo, não podiam criar vínculos.

Os estudos dos não-lugares veio à tona através do antropólogo Marc Augé e a obra *No-Bieus, Intruduction à Une Antropologie de La Surmodernité*, lançada em 1992, no qual ele utiliza este conceito para fazer referência a diversos elementos da atualidade, aos quais ele refere-se como característicos da supermodernidade: Aeroportos, vias expressas, shopping centers, estações de metrô, etc., ou seja, à primeira vista não teria relação alguma destes elementos com a realidade da família de retirantes, porém estes são apenas alguns exemplos que o autor utiliza para

destacar a fluidez e dinamismo, algo que é a característica mais acentuada da sociedade atual, mas que de forma ampla pode ser utilizada para fazer referência à locais onde não é possível formar vínculos, em outras palavras, são locais de passagem, pode-se deste modo também ser utilizado para exemplificar o contexto em que a família de retirantes está inserida.

Destaca-se ser importante que o professor ao iniciar as discussões sobre o lugar, insira também a discussão sobre não-lugares e suas características, em especial através dos exemplos que são apresentados por Marc Augé, pois estes dizem respeito diretamente ao contexto em que a maioria dos jovens estão inseridos atualmente: fluidez, velocidade, sobrecarga de informações, onde tudo é objeto de consumo (até mesmo os espaços), além da dificuldade de formar vínculos<sup>15</sup>.

Deste modo, é necessário que o professor apresente e discuta também algumas das diversas definições que procuram entender e explicar a contemporaneidade: Espaço de fluxos (Castells), Modernidade líquida (Bauman), pós-modernidade (Harvey), supermodernidade (Augé).

Observa-se que este último prefere usar o prefixo super a utilizar o termo pós, pois segundo o autor, não se observa uma ruptura, mas a continuação de uma temporalidade anteriormente existente, (algo que também merece ser discutido), em suma: Sugere-se utilizar este contexto histórico em que os alunos estão inseridos para apresentar e discutir algumas das teorias que tentam entender e explicar o atual momento.

Prosseguindo com a análise relacional de Tuan e Vidas Secas: Sabemos que a casa, por motivos óbvios, mesmo que não seja nossa, pode ser um exemplo perfeito de um lugar, porém, conforme visto, a família retratada em Vidas Secas, não tem um lugar para chamarem de seu, não porque não querem, e sim porque não podem; foram impossibilitados, assim como tantos outros, ontem e hoje, de possuírem de fato um lugar, haja vista grande quantidade de sem-terra e sem-teto, que vemos cotidianamente.

---

<sup>15</sup> As redes sociais (facebook, Instagram, Tik Tok, Twitter e etc.) possuem um papel dual e contraditório neste contexto: se por um lado aumenta a possibilidade de acesso à informação e possibilidade de conexão com pessoas distantes, por outro lado, provoca um afastamento das relações interpessoais, onde observa-se nitidamente em sala de aula uma prevalência das interações digitais em detrimento das interações reais. Além de estar provocando uma crescente dificuldade de concentração entre os mesmos em sala de aula.

Surge então a questão: como falar de lugar neste contexto? Aliás, essas pessoas são vistas? É necessário que o ensino sobre o lugar, tenha essa abordagem crítica para se discutir e analisar as questões sociais que estão presentes na constituição dos conceitos de forma estrutural, de modo que se destaca novamente as potencialidades e possibilidades de se utilizar de forma conjunta as correntes críticas e humanistas para entender o atual contexto em que estamos inseridos.

Nota-se que mesmo sabendo que aquele lugar não lhes pertencia e que mais cedo ou tarde teriam que sair, quando chega o momento da fuga, na impossibilidade de pensar em seus bens (haja vista que não possuíam), simbolicamente se agarram aos bens de outrem, na esperança inconsciente de retardar a partida:

A verdade é que não queria afastar-se da fazenda, a viagem parecia sem jeito, nem acreditava nela. Prepara-a lentamente, adia-a, tornara a prepará-la e só resolvera partir quando estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se. Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro, o curral, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de vara. E os pés dele esmoreciam, as alpercatas calavam-se na escuridão. Seria necessário largar tudo? (Ramos, 2008 p.175)

Em Topofilia, Tuan escreve: “Os pertences de uma pessoa são uma extensão de sua personalidade; ser privados deles é diminuir seu valor como ser humano” (1980 p.114). Neste ponto destaca-se que a grande ambição da sinhá Vitória era possuir uma cama de couro, para que pudessem enfim se livrar da cama feita de varas, e pudessem em fim dormir de forma confortável, ela idealiza a tal ponto a aquisição deste bem, que condiciona sua felicidade ao fato de possuir a cama: “Eram quase felizes. Só faltava uma cama” (Ramos, 2008 p.64), porém a realidade das condições se impõe de tal modo à família que mesmo trabalhando exaustivamente, não possuíam sequer o direito básico de dormirem de forma digna:

Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido(...), poderiam adquirir o móvel necessário economizando na roupa e no querosene. Sinhá Vitória respondera que isso era impossível, porque eles vestiam mal, as crianças andavam nuas e recolhiam-se todos ao anoitecer. (Ibid. p.57)

Sem falar no fato principal de que estavam ali de passagem, qualquer dissabor com o patrão ou a chegada de outra seca (ela viria com certeza), largariam tudo e precisariam carregar o que podiam.

Ao fazer a relação entre tempo e lugar, Tuan apresenta três abordagens: Tempo como movimento ou fluxo, no qual o autor apresenta o lugar como uma pausa na corrente temporal. Afeição pelo lugar, como uma função do tempo, expresso na frase: “leva tempo para se conhecer um lugar” (Tuan, 1983 p. 198). E por fim o lugar como tempo tornado visível, ou lugar como lembrança de tempos passados.

Como sabemos, as sociedades ocidentais entendem o tempo do ponto de vista cronológico; no qual o tempo seria uma flecha, para usar uma expressão de Arthur Eddington, ou seja, o tempo flui do antes em direção a um depois, é neste contexto que se nota a importância do lugar, pois ele representa uma pausa neste fluxo dinâmico: “O lugar é um mundo de significado organizado, é essencialmente um conceito estático. Se vivêssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar” (Ibidem p.148). Mas aqui cabe a indagação: e quando existe, como visto anteriormente, uma constante mudança e expectativa de mudança, como desenvolver um sentido de lugar? E se o lugar representa um mundo de significado organizado, o mundo dos retirantes onde predomina o não-lugar, seria necessariamente desorganizado e desprovido de significado? Estas são perguntas que o presente trabalho não se propõe a responder, mas sim trazer como indagação ao se discutir o lugar.

Faço aqui uma analogia entre os termos flecha e meta, tendo em vista que ambos possuem características em comum, a primeira em direção a um alvo e o segundo em direção a um objetivo, como tratar destas questões com pessoas que já não vislumbram um futuro? A não ser sobreviver um dia de cada vez, ou pessoas que não tem sequer um alvo de chegada como destacou o gato de Cheshire em Alice no país das maravilhas?

A obra de Graciliano Ramos termina do mesmo modo que começa: com a família migrando, não por acaso, o título do primeiro capítulo é denominado **mudança** e do último **fuga**, novamente nos deparamos com o movimento e os aspectos de desterritorialização/reterritorialização. Deste modo percebemos o quanto este fenômeno está presente na obra, e mais do que isso, em nossas vidas, pois hoje a tríade fuga, migração, desterritorialização/reterritorialização, estão mais presentes do que nunca, daí a importância da geografia para entendermos esse fenômeno complexo. Segundo Haesbaert e Bruce, (2002. p14):

Ao lado de uma Geografia preocupada com as delimitações, os enraizamentos e as hierarquias de territórios, regiões e lugares, nunca superada, é preciso hoje instituir a força do movimento, uma espécie de Geografia dos espaços nômades, dos espaços da mobilidade, dos rizomas, mesclada por entidades híbridas como os territórios-rede, as redes regionais, os lugares móveis de conexão e/ou de passagem. Sem cair no extremo de um “fim dos territórios” ou de um fascínio pela mobilidade, mas reconhecendo a multiplicidade das des-re-territorializações contemporâneas, podemos reclamar para a Geografia pelo menos uma parcela da “Nomadologia” que Deleuze e Guattari advogam para a História ou, em outras palavras, para a Geo-História, que é o que Geografia e História deveriam ter sido desde sempre.

Esse encontro do fim com o começo em *Vidas Secas*, forma nas palavras de Antônio Cândido (1992), um anel de ferro, representando uma certa prisão a qual a família está submetida, observa-se o peso deste anel ao se comparar trechos iniciais e finais da obra, respectivamente: “Na planície avermelhada, os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos”. (Ramos, 2008 p.17). “Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos”. (Ibid. p.175). Deste modo, tanto no começo quanto no final, a família apenas segue, sem saber direito para onde.

Buscam uma vida melhor, assim como todos os migrantes. No decorrer da caminhada, sinhá Vitória expressa a preocupação com o destino dos filhos, em especial para que estes tenham acesso à educação e não passem pelos mesmos problemas que os pais, ela então destaca que a cidade poderia oferecer conforto e oportunidades, deste modo é necessário ir para lá:

Iriam para adiante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nesta terra, porque não sabia como ela era, nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinhá Vitória, as palavras que sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nela. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. (...) Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. (Ibid. p.184)

Um ponto a ser destacado, é que não é possível localizar exatamente onde a trama de Vidas Secas ocorre, tal abordagem foi pensada pelo autor como o intuito de usar todo o semiárido nordestino como cenário, para simbolizar que o drama vivido pela família poderia acontecer em qualquer parte do sertão nordestino, o foco como vimos é na descrição da condição da família, provocada principalmente pelos condicionantes sociais.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Na tese: Literatura das Secas: Ficção e História, o autor elabora um mapa, que pode ser visto logo abaixo, onde é destacado as principais tramas da Literatura brasileira que tem como foco narrativo a seca e seus impactos migratórios. Na obra, o autor traça todo o percurso dos migrantes. Observa-se que não é possível localizar exatamente onde ocorre a trama de Vidas Secas.

### Migrações Nordestinas na Literatura:

Observa-se que não é possível localizar o trajeto da família em Vidas Secas



Figura 5 SCOVILLE, 2011.

Fonte: Mapa adaptado e complementado com anotações a partir do mapa hidroviário brasileiro elaborado pela Secretaria Executiva do Ministério dos Transportes (setembro/2008)

No mapa, como amostra representativa, observam-se os seguintes trajetos, origens e/ou destinos de personagens retirantes/migrantes:

1. Ataliba, o vaqueiro, de Francisco Gil Castello Branco. Local de origem dos retirantes: “Fazenda do Morro” (Piauí, fronteira com o Ceará). Destino dos retirantes: Marvão (atualmente Castelo do Piauí - PI).

2. Os retirantes, de José do Patrocínio. Local de origem dos retirantes: “B.V.” (à margem do rio Jaguaribe, região sudeste do Ceará). Local próximo: Icó (CE). Trajeto: “B.V.”, Quixeramobim, Quixadá, Baturité, Fortaleza.
3. A fome, de Rodolfo Teófilo. Trajeto dos retirantes (Manuel de Freitas e família): “Alto Sertão”, “Várzea do Meio”, Arronches (atualmente bairro de Parangaba, em Fortaleza), Fortaleza (CE).
4. Dona Guidinha do Poço, de Manuel de Oliveira Paiva. Local de origem dos retirantes (Antônio Silveira e família): Serra do Martins (RN). Destino dos retirantes: fazenda nas proximidades de “Cajazeiras” (Quixeramobim - CE).
5. Luzia-Homem, de Domingos Olímpio. Local de origem dos retirantes (Luzia): Ipu (CE), Ipueiras (CE). Destino dos retirantes: Sobral (CE).
6. O Quinze, de Rachel de Queiroz. Local de origem dos retirantes: fazendas na região de Quixadá (CE). Trajeto: Quixadá, Castro (atualmente Itapiúna), Baturité, Acarape, Redenção, Arronches (atualmente Bairro de Parangaba), Fortaleza. Destino dos migrantes (Chico Bento e família): São Paulo.
7. Reflexões de uma cabra, de José Américo de Almeida. Local de origem do migrante: fazenda localizada entre Coremas (PB) e Piancó (PB). Destino do migrante: Araraquara (SP).
8. A bagaceira, de José Américo de Almeida. Local de origem dos retirantes (Valentim e família): fazenda do Bondó (Sertão). Destino dos retirantes: fazenda/engenho em Areia (PB).
9. Morte e vida severina, de João Cabral de Melo Neto. Trajeto do retirante: “Serra da Costela” (PE, quase fronteira com PB), acompanhando o rio Capibaribe, Toritama (PE), Recife (PE).
10. Os Corumbas, de Amando Fontes. Local de origem dos retirantes (Geraldo e família): região de Urubutinga (SE) e Lagarto (SE). Destino dos retirantes: Capela (SE), onde residem por 17 anos. Depois, Aracaju (SE).
11. Purgatório, de Paulo Dantas. Local de origem dos migrantes (Jeremias e família): fazenda em Simão Dias (SE). Destino dos migrantes: “Santa Cruz” (região do cacau, sul da Bahia).
12. Maria Dusá, de Lindolfo Rocha. Local de origem da retirante (Maria Alves): fazenda em “Lagoa Seca”, Santo Antônio da Barra - BA (atualmente região de Condeúba). Trajeto da retirante: Lagoa Seca,

**Mucugê - BA (lavras da Chapada Diamantina). Depois, mudança para “Xique-Xique” (BA). Local próximo: Comércio de Dentro - BA (atualmente Andaraí).**

**13. Maria Bonita, de Afrânio Peixoto. Local de origem dos retirantes: região de Condeúba (BA). Destino dos retirantes: fazenda na região de Canavieiras (BA).**

**14. Seara vermelha, de Jorge Amado. Trajeto dos retirantes (Jerônimo e família): “Sertão”, Juazeiro (BA), Pirapora (MG), Estado de São Paulo.**

**15. Gabriela, cravo e canela, de Jorge Amado. Destino da retirante (Gabriela): Ilhéus (BA).**

**16. Essa terra, de Antônio Torres. Local de origem dos migrantes: Junco – BA (atualmente Sátiro Dias). Destinos dos migrantes: Feira de Santana (BA); São Paulo (Nelo, Totonhim).**

Quando nos referimos ao sertão na Literatura brasileira uma das obras que vem diretamente à mente é Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa, porém devemos destacar que o sertão de Graciliano Ramos e Vidas secas, difere totalmente do sertão de Guimarães Rosa e Grande Sertão: Veredas. Pois enquanto neste, apesar do sertão estar bem delimitado espacialmente, ele é usado principalmente como metáfora para apresentar e discutir os dilemas humanos: “O sertão é dentro da gente”. (Rosa,1994 p.435), “O sertão é sem lugar” (Ibidem, p.500). Enquanto em Vidas Secas, o sertão é apresentado sobretudo através dos seus aspectos sociais, o autor faz questão de destacar que mais do que as intempéries climáticas o que de fato subjuga a família são os condicionantes sociais do nordeste e suas características seculares de exploração e dominação: O latifúndio ( o fazendeiro que explora e rouba nas contas), os comerciantes corruptos ( o vendedor que rouba no peso e adultera os produtos), as autoridades ( o soldado amarelo que espanca e prende os pobres de forma arbitrária). Enfim, mais do que a seca, o que esmaga a família são as cercas, reais e simbólicas, que existem no Nordeste.

Deste modo, para fugir destes condicionantes e buscar uma vida melhor, a família sai em busca do seu eldorado, esperando que o encontre na cidade grande, tal qual o retirante Severino de Morte e vida Severina, de João Cabral de Mello Neto; este em sua jornada foge da miséria do sertão, passa pelo agreste e zona da mata, até chegar em Recife, por onde ele passa, percebe que para além da seca existem outros elementos, sobretudo de ordem sociais, que são os grandes responsáveis por

uma série de infortúnios a que trabalhadores e migrantes estão submetidos, pois ao chegar na cidade grande ele encontra água em abundância, porém a mesma miséria e exploração do sertão, embora com cores diferentes.

Os destinos de Fabiano, sinhá Vitória e dos dois meninos, não estão selados, embora possamos relacionar diretamente com o destino de tantos outros retirantes que já fizeram e irão fazer o mesmo percurso; o trecho final de *Vidas Secas*, não é fatalista, embora apresente uma certa tonalidade sombria em suas advertências: “O sertão continuaria a mandar gente para lá: o sertão mandaria para cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá vitória e os dois meninos” (Ibid. p.184), e quanto chegam a tão sonhada cidade grande, encontram novamente miséria e exploração<sup>17</sup>.

Josué de Castro, em sua única obra ficcional: *Homens e caranguejos*, soube demonstrar com cores bastantes ricas, as precárias condições de vida a que os migrantes e seus descendentes estão submetidos ao chegarem aos grandes centros urbanos, fugindo de outras misérias.

## 5.2 Homens e caranguejos

O livro *Homens e Caranguejos*, lançado em 1967 enquanto Josué de castro estava exilado em paris, de certa forma apresenta um desfecho para saga de inúmeros Severinos e Fabianos que achavam que iriam encontrar na cidade grande, melhores condições de vida. O livro traz um retrato cru e sem filtro de uma Recife que não está nos roteiros turísticos; a cidade é mostrada através de seus bairros pobres e de seus habitantes, uma capital que, nas palavras de Josué de Castro, inchou em razão das ondas de inúmeros migrantes que viam na cidade a possibilidade de uma vida melhor para si e seus descendentes, mas que ao chegarem em Recife encontram novamente exploração e miséria e que fazem dos mangues, de suas palafitas e dos bairros pobres em geral, seus lugares, seus espaços de existência e resistência:

“Depois verifiquei que, no cenário de fome do Nordeste, os mangues eram uma verdadeira terra de promessa que atraía os homens vindos de outras áreas de mais fome ainda” (2005, p.18).

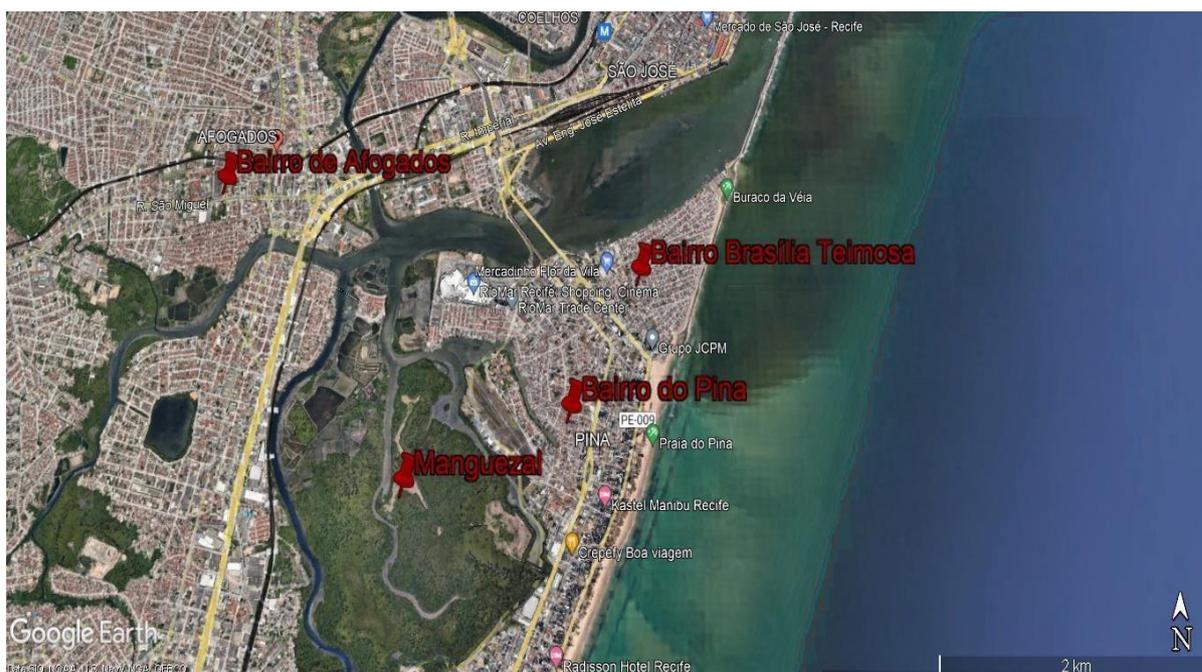
---

<sup>17</sup> Para uma leitura destas questões recomenda-se também o poema a triste partida, de Patativa do Assaré, musicada e imortalizada na voz de Luiz Gonzaga.

O livro apresenta uma abordagem pode-se dizer que Naturalista, ao mostrar os seres humanos e o ambiente em que estão inseridos, misturando-se em uma simbiose no qual observa-se uma influência mútua, onde o próprio local, mais do que um cenário, é também um personagem da narrativa. Em determinados momentos lembra O Cortiço (1890) de Alvares de Azevedo, porém, apesar dos seus aspectos Naturalista a obra de Josué de Castro não cai em um viés determinista dos personagens, ao contrário, eles são agentes sociotransformadores dos espaços em que atuam e utilizam o lugar em que vivem, como local de resistência, tal qual é destacado em Santos (2006). Josué de Castro utilizou-se da ficção, com aspectos autobiográficos, para dar vazão a uma série de questionamentos e denúncias que o mesmo já havia discutido em suas obras, porém desta vez ele faz uso da liberdade artística que a literatura ficcional permite:

Procuo mostrar neste livro de ficção que não foi na Sorbone, nem em qualquer outra universidade sábia, que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. (Ibid., p.10)

**Principais locais onde a trama de Homens e Caranguejos ocorre. Fonte: Google Earth.**



**Figura 6**

Esta é a personagem central da obra: A fome, o mesmo personagem que expulsou a família de sertanejos em *Vidas Secas*. Nisto observa-se que a causa da fome em si não é a seca, pois nos ambientes destacados na obra de Josué de Castro não há seca, porém o drama da fome persiste. Josué já havia demonstrado em *Geografia da Fome* (1946) e *Geopolítica da Fome* (1951), que a fome não é apenas um fenômeno climático, mas sobretudo político-econômico, fruto da desigualdade e da má distribuição de renda. A seca viria intensificar as condições precárias já existentes. Nas palavras de Andrade (1997, p.186):

Josué de Castro (1946) e, posteriormente, Celso Furtado (1958) viriam salientar que a seca não era responsável pelo flagelo, apenas o intensificava devido às condições econômicas e sociais que caracterizavam o sistema dominante na região. O sistema beneficiava os grandes proprietários rurais, os grandes comerciantes e os políticos, que chegaram a ser classificados nos anos 50 como industriais da seca (Callado, 1960)

Tal contexto força os retirantes a migrarem do sertão para zona da mata e/ou litoral. Ou para usar a expressão de Josué de Castros: migrarem de um local de fome epidêmica para um local de fome endêmica.<sup>18</sup> Nota-se que além do Nordeste açucareiro outro local segundo Josué de Castro onde predomina a fome endêmica no Brasil, é a Amazônia, ele destaca dois fatores principais para essa realidade: a pobreza do solo e o rápido processo de povoamento durante o ciclo da borracha, quando a agricultura familiar até então existente foi praticamente extinta em razão da extração do látex, o que provocou um grave quadro de carência alimentar e o surgimento de surtos de beribéri<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Segundo Josué de Castro, a primeira é acentuada por crises, surtos ou eventos climáticos, como secas ou enchentes. A segunda é a fome cotidiana, a fome já “normalizada”, dentro de um contexto de desigualdade social ao qual já estamos habituados.

<sup>19</sup> Doença nutricional causada pela falta de vitamina B1 no organismo, resultando em fraqueza muscular, problemas intestinais e respiratórios. Em sua manifestação nervosa tem como principais sintomas: fraqueza muscular, perda da sensibilidade de pés e mãos, dor, dificuldade para falar e paralisia, podendo levar o paciente a óbito.

Mapa presente em Geografia da Fome. Observa-se os dois nordestes e suas diferenças; bem como os locais de fome endêmica e epidêmica.

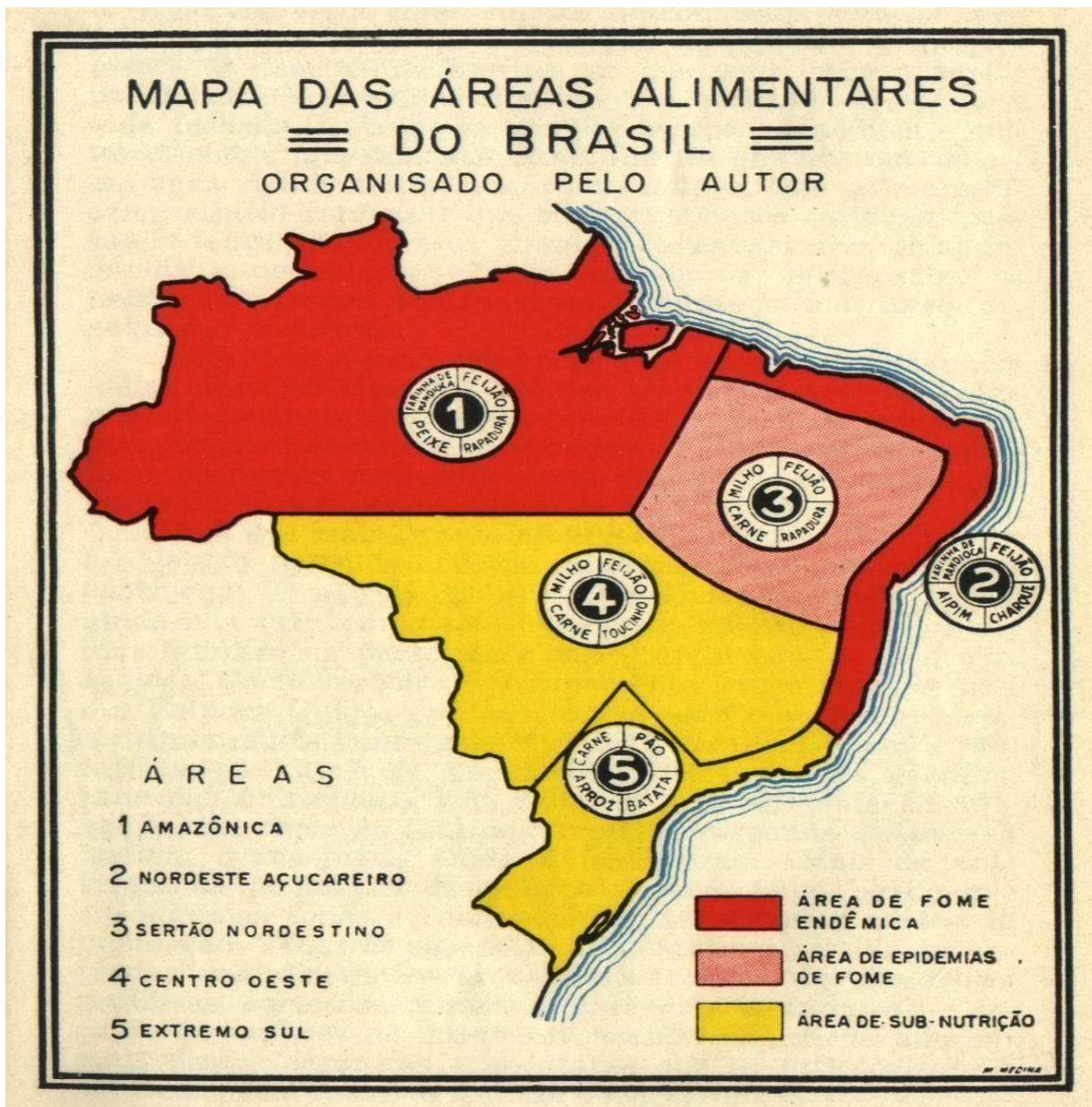


Figura 7

Este fenômeno, ao qual Josué de Castro chama de doenças da fome, também é discutido em *Homens e Caranguejos*, pois se em razão da seca no semiárido houve um grande processo de migração maciça para a zona da mata e litoral, outro grande contingente humano migrou para Amazônia, atraídos justamente pela extração do látex.

Esta realidade é discutida na obra através do personagem Cosme, ele também nascido no sertão, mais precisamente no sertão do Seridó<sup>20</sup>, era um produtor de algodão e que precisou migrar para o Recife, não por conta da seca, mas por conta da ação das grandes empresas produtoras de algodão, que destruíram seu negócio, bem como empresas menores como a sua:

“Foi o monopólio-dizia ele-, que é um monstro bem mais impiedoso que a seca. Ademais, a seca chega e depois vai embora, e a gente que ela expulsou pode voltar à sua terra. O monopólio, não. Quando se instala numa região não sai mais” (Castro 2005 p.64)

“(…) Vendeu sua fábrica para companhia que a desmontou, e partiu para a capital, o Recife”. (Ibid. p.65) Na capital pernambucana ele é atraído pelas histórias de enriquecimento através da exploração do látex, então migra para o Amazonas:

“Parti daqui do Recife num navio da costeira, até Belém do Pará. Lá subi o rio num navio gaiola<sup>21</sup>, até Manaus. Junto com outros nordestinos, retirantes das secas(…)” (Ibid. p.66)”. Chegando ao destino depois de um tempo contrai beribéri, ficando paraplégico e se vê obrigado a voltar para Recife:

Eu nunca esperava ser derrubado pelo beribéri, embora tivesse notícias que milhares de outros seringueiros tinham sido atacados dessa estranha doença que, naquela época, ninguém sabia o que era e que, hoje, se sabe ser uma doença da fome. (Ibid. p.67)

Conforme Santos (1997, p.83): “O espaço urbano é diferentemente ocupado em função das classes em que se divide a sociedade Urbana.” De modo que os bairros retratados em *Homens e Caranguejos* são um exemplo típico desta segregação:

---

<sup>20</sup> Região interestadual localizada no semiárido nordestino entre os estados da Paraíba e Rio Grande do Norte.

<sup>21</sup> Tipo de embarcação bastante comum na Amazônia, destinada ao transporte de carga e passageiros.

É que o Recife, a cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palaciana, é também a cidade dos mocambos, das choças, dos casebres de barro batido a sopapo com telhas de capim de palha e folhas de flandres. Além dos que emigravam da zona do açúcar, por motivos vários, deve-se acrescentar os que desciam expulsos pela seca do outro Nordeste, o do sertão semiárido. (Castro, 1948, págs. 73-4)

João Paulo, o personagem principal de *Homens e caranguejos*, desde pequeno convive com essa segregação, embora não a compreenda, conforme pode ser visto no diálogo a seguir entre João Paulo, seu pai Zé Luiz e sua mãe (Castro, 2005 págs. 29-30):

-Pai, por que a gente veio morar aqui no mangue?  
 -Porque quando viemos do interior foi aqui que encontramos a nossa terra da promessa, o nosso paraíso-responde Zé Luís com voz tranquila.  
 -(...)  
 -Mas, por que aqui no mangue, por que não fomos morar na cidade, do outro lado do mangue? Lá é tão bonito tão diferente, é como se fosse um outro mundo.  
 -(...)  
 -Lá do outro lado é o paraíso dos ricos, aqui é o paraíso dos pobres, diz-lhe a mãe fitando-o bem dentro dos olhos.  
 Mas os olhos do menino abrem-se apenas um pouco mais, e continuam com a mesma expressão de interrogação, mostrando que não entendera por que a família, havendo tantos lugares bonitos no mundo, tinha escolhido para viver aquele lugar tão triste e tão feio  
 -(...).

Complementando a resposta dada pela mãe à pergunta feita por João Paulo, podemos utilizar a citação de Santos (2006, p.133):

“Os atores hegemônicos da vida econômica, social e política podem escolher os melhores lugares para sua atuação e, em consequência, a localização dos demais atores é condenada a se residual”. E mais:

Assim enquanto alguns atores, graças aos recursos públicos, encontram as condições de sua plena realização (fluidez, adequação às novas necessidades técnicas da produção), os demais, isto é, a maioria, não têm resposta adequada para as suas necessidades essenciais. (Ibid. p. 209)

### **As duas Recifes retratadas e Homens e caranguejos, ainda persistem.**



**Figura 8**

**Fonte: <http://www.livrotecabrincantedopina.siteo.one>. Acesso em 08/07/2023**

Se João Paulo tem um sentimento de estranhamento com o ambiente em que vive atualmente<sup>22</sup>, o mesmo não acontece quando ele lembra do sertão, seu lugar de outrora, antes de migrarem para a cidade: “São imagens dos seus primeiros anos de vida que agora lhe vêm à lembrança. Imagens do pátio da fazenda onde nascera. Do pátio descampado, com o sol quente do sertão”. (Castro, 2005 p. 39). Ressalta-se deste modo, a importância que as primeiras impressões da infância têm para desenvolver o sentimento de Topofilia, não por acaso, quando somos submetidos ao processo de desterritorialização, na impossibilidade de levar o lugar conosco,

<sup>22</sup> Uma obra que trata de forma visceral sobre esse processo de não pertencimento e sentimento de angústia e até repulsa com a favela/cortiço em que se vive é Quarto de Despejo, diário de uma favelada (1960), de Carolina Maria de Jesus, escrita em forma de diário pela catadora de papel, é um documento pungente sobre o cotidiano e as condições de vida daqueles que vivem na periferia da periferia do capitalismo.

procuramos levar ao menos uma parte que faça lembrar o local de origem, para tentar manter no local de destino os aspectos e a cultura do lugares que foram essenciais para nossa constituição/formação enquanto indivíduos; tal contexto que foi discutido em Tuan, está presente na família de retirantes em Vidas Secas e também na vida de Josué de Castro:

“Meu pai tinha trazido para o Recife toda a paisagem viva da sua terra, com seus bichos, com seus pássaros. Dentro do sítio eu respirava uma paisagem transplantada do sertão distante”. (Castro, 2005 p.15). Essa paisagem do sertão em uma grande capital litorânea, foi essencial para formação humana/acadêmica de Josué de Castro, pois permitiu a ele uma visão global das características do Nordeste e suas contradições isto foi de vital importância para seus futuros trabalhos de médico-geógrafo.

Deste modo reforçamos aqui a importância de desde cedo trabalhar os elementos e conceitos básicos da geografia, para a compreensão da realidade e o surgimento de novas perspectivas; ensinar a ler e interpretar o espaço através de conceitos como paisagem e lugar, por exemplo, é uma das grandes contribuições que a Geografia pode propiciar; o professor além de falar, sempre que possível, deve tentar mostrar a realidade através do lugar, isto é algo que pode contribuir sobremaneira para o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes, Josué de Castro em diversos momentos destaca a importância que ver o lugar teve em sua formação humana e profissional, ele destaca:

“A verdade é que a história dos homens do Nordeste me entrou mais pelos olhos do que pelos ouvidos.” (ibid. p.16)

### **5.2.1 Solidariedade/proximidade em Homens e Caranguejos**

Segundo Durkheim (1893), solidariedade é um processo de relação e coesão moral que existe entre os indivíduos de um determinado conjunto de pessoas, tal processo faz com que se reconheçam como sujeitos pertencentes a um determinado grupo e atuem em conjunto segundo determinados objetivos. A partir deste processo pode vim a existir um aprofundamento dos laços culturais entre os indivíduos e deste modo gerar um processo de construção e afirmação das identidades através da relação dialética entre esses atores. De acordo com Santos (2006, p.218):

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e criatividade.

Essas manifestações da espontaneidade e da criatividade aprofunda a troca simbólica entre os sujeitos e enriquece o lugar, é neste contexto que se sobressai o lugar como espaço de solidariedade e resistência, tanto material quanto simbólica, em especial nas grandes cidades. Os migrantes passam por um processo de desterritorialização, mas em seu novo local, procuram reafirmar sua existência e suas identidades, em uma tentativa de transformar esses novos espaços em um lugar com os quais se identifiquem, ou seja: um processo de reterritorialização<sup>23</sup>. Em Homens e Caranguejos isso fica perceptível através da descrição e ações dos personagens (lembrar que o bairro é também um personagem); mesmo em meio a tantos intempéries e vicissitudes, o bairro respira vida (para fazer uma analogia com o Naturalismo), isto fica evidente na narrativa quando há a tentativa do poder público de desmobilizar o bairro, então seus habitantes resistem em misto de revolta e festa (Castro, 2005 p.109):

Os fiscais fincavam marcos de madeira no chão e avisavam que, daquela marca para adiante, ninguém podia mais construir. Faziam ameaças terríveis ao povo. Que se o povo dali teimasse em levantar novos mocambos tudo seria derrubado. O bairro inteiro seria incendiado<sup>24</sup>. Mas os mocambos continuaram a prosperar e, por isso

---

<sup>23</sup> "A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante" (GUATTARI; RONILK, 2010, p.388).

<sup>24</sup>Os recifenses ainda trazem vivos na memória os incêndios que, em 2013, atingiram as palafitas do bairro dos Coelhos, onde moravam 103 famílias, dentre as quais uma parte aguardava receber sua nova moradia em um conjunto habitacional cujas obras estavam atrasadas havia mais de quatro anos. Palco recorrente desse tipo de acidente, a cidade assiste a mais uma tragédia que se abate sobre famílias pobres que encontram como meio de se inserirem na cidade a autoconstrução de casebres insalubres e precários sobre as águas. Cinquenta palafitas instaladas na zona sul do Recife, entre as pontes Gov. Paulo Guerra e Antônio de Góes, na bacia do Pina (formada pela confluência dos rios Capibaribe, Tejipió, Jordão e Pina), foram consumidas pelo fogo nesta sexta-feira, 06 de maio de 2022. <https://www.observatoriodasmegacidades.net.br>. acesso em 18/09/2023

mesmo, o bairro tomou o nome de Aldeia Teimosa<sup>25</sup>. Porque teimava em existir e em crescer contra a vontade e as ordens do governo.

E deste modo, através da criatividade que eles resistem e buscam, mesmo que de forma precária, os seus direitos de moradia e de existir, em determinados momentos usam até mesmo de suas manifestações culturais para distrair as autoridades e constroem novas moradias:

E distribuía-se as tarefas. Os que deviam trabalhar na construção e os que deviam participar do espetáculo para desviar a atenção das autoridades. Ao cair da noite, começava numa extremidade do bairro, bem longe do ponto onde iam ser construídos novos barracos, os preparativos para uma grande noitada de diversão: Pastoril, Maracatu ou Bumba-meu-boi. (ibid. p.113)

Observamos deste modo, que a cultura popular para além de suas características estéticas e artísticas ela pode vir a ter um caráter de resistência simbólica e estreitamento de laços bastante forte, pois observamos que as variadas formas de expressões artísticas sempre estiveram na vanguarda das mudanças sociais e muitas das vezes foram utilizadas como instrumentos de denúncia e de formadores de novas perspectivas, mesmo que de maneira inconsciente, tal qual aponta Santos:

---

<sup>25</sup> Aldeia teimosa futuramente foi renomeada como Brasília Teimosa: Brasília Teimosa recebe esse nome porque a ocupação aconteceu no mesmo período em que o ex-presidente do Brasil Juscelino Kubitschek trabalhava na projeção da cidade de Brasília, atual capital brasileira. A teimosia faz alusão à resistência dos moradores, pescadores, comerciantes e donas de casa, que ocuparam essas terras e viveram em condições insalubres, resistindo dia após dia em conflito com poder público que queria desmobilizar e desocupar a região. Uma das primeiras menções ao assentamento com o nome que a popularizou (Brasília Teimosa), tão cedo quanto em 1958, dois anos antes da inauguração da capital, um tempo no qual Brasília era uma ideia abstrata de cidade nova, sem passado, surgida no planalto como um milagre para onde afluíram milhares de nordestinos tangidos do sertão, da seca e do latifúndio. No ano seguinte, o nome da capital era evocado para mobilizar as opiniões dos comunistas através do jornal Folha do Povo: "Não será justa solução derrubar os mocambos da 'Nova Brasília Teimosa'" (Folha do Povo, 9-15/ago/1959). Através das páginas do periódico, a Frente do Recife busca apoio às causas populares, reconhecendo esta em particular pelo "caráter que simboliza a coragem e mesmo heroísmo de uns quantos desabrigados, em construir uma Brasília, com tenacidade e apenas braços, sem dinheiro, surgindo no Pina em pouco tempo uma 'nova cidade', proletária, mas com tanto arrojo que mereceu o título daquela outra, a Novacap." (Folha do Povo, 19/set/1959). (Souza 2012). Sugere-se a leitura de Teimosa Senhora: histórias do Areal novo à Brasília Teimosa atual, de Cilene Camila Souza.

A cultura popular tem raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter a continuidade através da mudança. Seu quadro e seu limite são as relações profundas que se estabelecem entre o homem e o seu meio, mas seu alcance é o mundo” (Santos 2006, p.222).

Freire (1996, p.78) vai no mesmo sentido ao destacar: “No fundo, as resistências- a orgânica e/ou cultural- são manhas necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos”, neste contexto também Ana Fani Carlos vai demonstrar a importância da cidade enquanto gerador de cultura: “A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura” (CARLOS, 2015, p.26) e de local de Resistência: “Como consequência surgem os movimentos sociais urbanos pelo direito à cidade no seu sentido pleno – o habitar e tudo que isso implica, não se restringindo apenas à luta por equipamentos urbanos” (Ibid. p.23).

Nota-se deste modo o porquê de toda a comunidade se envolver para a construção, em um processo de solidariedade obtida através da proximidade entre seus membros, bem como da partilha dos mesmos problemas. Sabem que no contexto precário em que estão inseridos, o que acontece com um deles pode vir a acontecer com os demais. Neste processo a solidariedade tende a se retroalimentar internamente nestes espaços:

Os guetos urbanos, comparados a outras áreas da cidade, tenderiam a dar às relações de proximidade um conteúdo comunicacional ainda maior e isso se deve a uma percepção mais clara das situações pessoais ou de grupo e à afinidade de destino, afinidade econômica ou cultural. (Santos, 2006, p.220).

No último capítulo do livro, após uma série de vicissitudes atingirem o local, como uma enchente do rio Capibaribe (Ironicamente os que fugiram do flagelo da seca, agora eram vítimas do flagelo das cheias) e a morte de alguns personagens, nota-se a seguinte transformação no protagonista: “João Paulo já não era o mesmo. Estava mudado (...). O mangue agora lhe parecia espesso e lodoso borrão de lama,

sem nenhum interesse” (Castro, 2005, p.177). O pai indaga o porquê desta transformação e obtém a seguinte resposta: “João Paulo diz que a sua tristeza é de ver tanta pobreza, tanto sofrimento no mundo, sem poder dar um jeito a nada” (Ibid. p.178).

A pobreza escancarada seja no sertão, representada por uma família que foge da seca, indo para a cidade grande, seja na cidade grande representada por moradores de uma comunidade pobre e por um garoto sensível aos acontecimentos à sua volta, pode gerar um processo dialético de ruptura e transformação social:

Então, o feitiço se volta contra o feiticeiro. O consumo imaginado, mas não atendido-essa carência fundamental no dizer de Sartre-produz um desconforto criador. O choque entre cultura objetiva e cultura subjetiva torna-se instrumento da produção de uma nova consciência. (Santos 2006, p. 221).

João Paulo e os demais habitantes retratados na obra (migrantes, pobres), são exemplos de homens lentos, os quais carregam consigo desejos de transformação, essa transformação a qual nos referimos aqui é algo que é produzido de forma cotidiana, através da luta por acesso a direitos básicos (moradia, por exemplo), pois dentro da ótica pós-moderna capitalista, o próprio fato de lutar pela existência já é um ato subversivo, este caráter de resistência dos moradores, através da afirmação de suas identidades e de seu lugar, foi retratado na obra, mas é algo que ainda hoje está materializado entre os habitantes do bairro, de acordo com Silva (2016):

Em meio a esse contexto, emerge a resistência legítima da população do local, que persiste com a luta política e cultural até hoje, de forma organizada por meio da sociedade civil e de associações comunitárias, em prol do direito à cidade no sentido amplo (p.67).

“Muitos são os que lutam em Recife por acesso a uma moradia decente e a serviços e equipamentos coletivos que se constituem necessários para se conseguir viver

com o mínimo de dignidade, dentre estes os moradores mais pobres do Pina”<sup>26</sup>. (ibid. p.72). De modo que se a consciência é algo que nos permite vivenciar e experienciar o mundo tal qual ele é, uma nova consciência, nos permitirá vivenciar, experienciar e produzir novas racionalidades, desta vez opostas a racionalidade hegemônica, em suma, um novo mundo tal qual ele pode ser (Santos, 2001). Como destacado no decorrer deste texto, o mundo é vivenciado e experienciado através dos lugares, de modo que se salienta aqui mais uma vez a necessidade de compreender o grau de importância que os lugares têm em nossas vidas, bem como para compreensão do mundo.

Neste contexto, destacamos e reafirmamos que a geografia escolar tem um papel privilegiado, e como tal, ela pode ser utilizada como ferramenta para conhecer e compreender mais sobre os (nossos) lugares, pois é através dos lugares que os sujeitos se tornam também sujeitos do mundo. (Freire, 1996).

## 6- PROPOSTA DE ATIVIDADES

Segundo as **Propostas curriculares de Geografia do estado da Paraíba, para o ensino médio**, uma das competências esperada dos estudantes é a: Capacidade de operar com os conceitos básicos da Geografia para análise e representação do espaço em suas múltiplas escalas. (pg.45)

Neste documento orienta-se que se deve trabalhar respectivamente:

**1° anos-** Paisagem e lugar: conceitos fundamentais para compreensão do espaço geográfico

**2° anos-** migração: Do êxodo rural aos refugiados. Urbanização: um mundo interligado por redes.

---

<sup>26</sup> Existe na comunidade do Pina a Livroteca brincante do Pina, segundo a descrição presente no site do projeto: A Livroteca Brincante do Pina é uma biblioteca formada pela comunidade do Bode, localizada na Zona Sul do Recife e vizinho de Boa Viagem, por voluntários e amigos que se identificam com a causa. Trabalha em parceria com a própria comunidade, com o empresariado e governo público, mobilizando recursos e suporte social. Idealizado em maio de 1995 na casa de palafita do músico e poeta Ricardo Gomes (Kcal), o projeto de inclusão social com foco no incentivo à leitura e integração artística para crianças (5 - 12 anos) e pré-adolescentes/adolescentes (13 - 18 anos) da comunidade do Bode. E tem como missão: Combater a pobreza dentro da comunidade do Bode através do livre acesso ao conhecimento e da cidadania, preparando as crianças e os jovens da própria comunidade para serem cidadãos críticos e protagonistas de suas próprias vidas. <http://www.livrotecabrincantedopina.siteo.one> acesso em: 18/10/2023

Deste modo sugere-se aqui algumas atividades que podem contribuir para a compreensão do conceito de lugar e sua relação com os conteúdos sugeridos, através de uma abordagem interdisciplinar com a Literatura.

**1º anos** sugerimos que os conceitos sejam trabalhados a partir do Lugar. Apresenta-se aqui como proposta que o professor comece perguntando o que é lugar para os estudantes, em seguida explicar o que é lugar para Geografia, após será possível relacionar a definição dos alunos e a definição geográfica; em que diferem e em que se aproximam as duas definições, em seguida destacar que além deste conceito estar presente em nossas vidas cotidianas ele também está presente na Literatura, ao utilizar Vidas secas como exemplo.

Neste momento é importante que o trabalho seja feito em conjunto com o/a professor/ professora de Literatura, no qual no primeiro passo é apresentar as características da obra e a corrente literária a qual ela pertence, em seguida contextualizar autor e obra destacando o contexto histórico-geográfico em que a obra foi escrita (no caso específico de Vidas Secas: anos 30 e era Vargas). Após isso destacar a importância do conceito para conhecer/interpretar a atualidade e o cotidiano. Em seguida sugere-se utilizar um texto base, um trecho da obra analisada aqui por exemplo, porém como visto a própria estrutura do livro favorece este tipo de abordagem, pois seus capítulos são divididos em forma de contos. Sugere-se que ao final os alunos elaborem um desenho ou texto sobre um lugar de sua escolha em seguida apresentem.

**Para os 2º** anos tem-se como proposta curricular que sejam trabalhados os temas: Migração- do êxodo rural aos refugiados e o tema Urbanização: um mundo interligado por redes. A ênfase da presente dissertação foi no êxodo rural e seus impactos sociais nos ambientes urbanos. Através de Vidas Secas é possível trabalhar/discutir diversos fenômenos pertinentes ao tema; tal qual o próprio êxodo rural, seus condicionantes climáticos e sobretudo sociais, bem como o secular processo de concentração fundiária no Nordeste brasileiro, além de analisar novamente aspectos pertinentes à episteme geográfica, tal qual Lugar, não lugar e desterritorialização. Com homens e caranguejos, conforme visto, é possível fazer uma ligação com a obra anterior e analisar o processo de urbanização através da ótica dos migrantes e pobres (Santos, 2006).

A metodologia sugerida para se trabalhar este tema é a mesma da anterior: apresentar as características literárias da obra, apresentar o contexto histórico-geográfico em que a obra foi escrita (ditadura civil-militar), destaca-se também a necessidade de salientar a importância histórica e social de Josué de Castro, uma personalidade a qual o Brasil deve muito e que merece ser mais reconhecido em nosso país, tendo em vista a tentativa da ditadura brasileira de relegá-lo ao ostracismo. Através da obra é possível discutir também o processo de segregação sócio espacial de um grande centro, ao utilizar Recife como cenário, bem como os aspectos de exclusão das redes urbanas, dentro do processo de globalização como fenômeno perverso (Santos, 2001), além dos variados aspectos relacionados à realidade vivida pelos estudantes.

Em seguida sugere-se que os alunos elaborem um texto no qual apresentem como a cidade é vista por eles e como eles fazem uso dos espaços urbanos.

Exemplos de como alguns alunos do 2º ano do ensino médio entendem o lugar:



Figura 9 Um local da infância

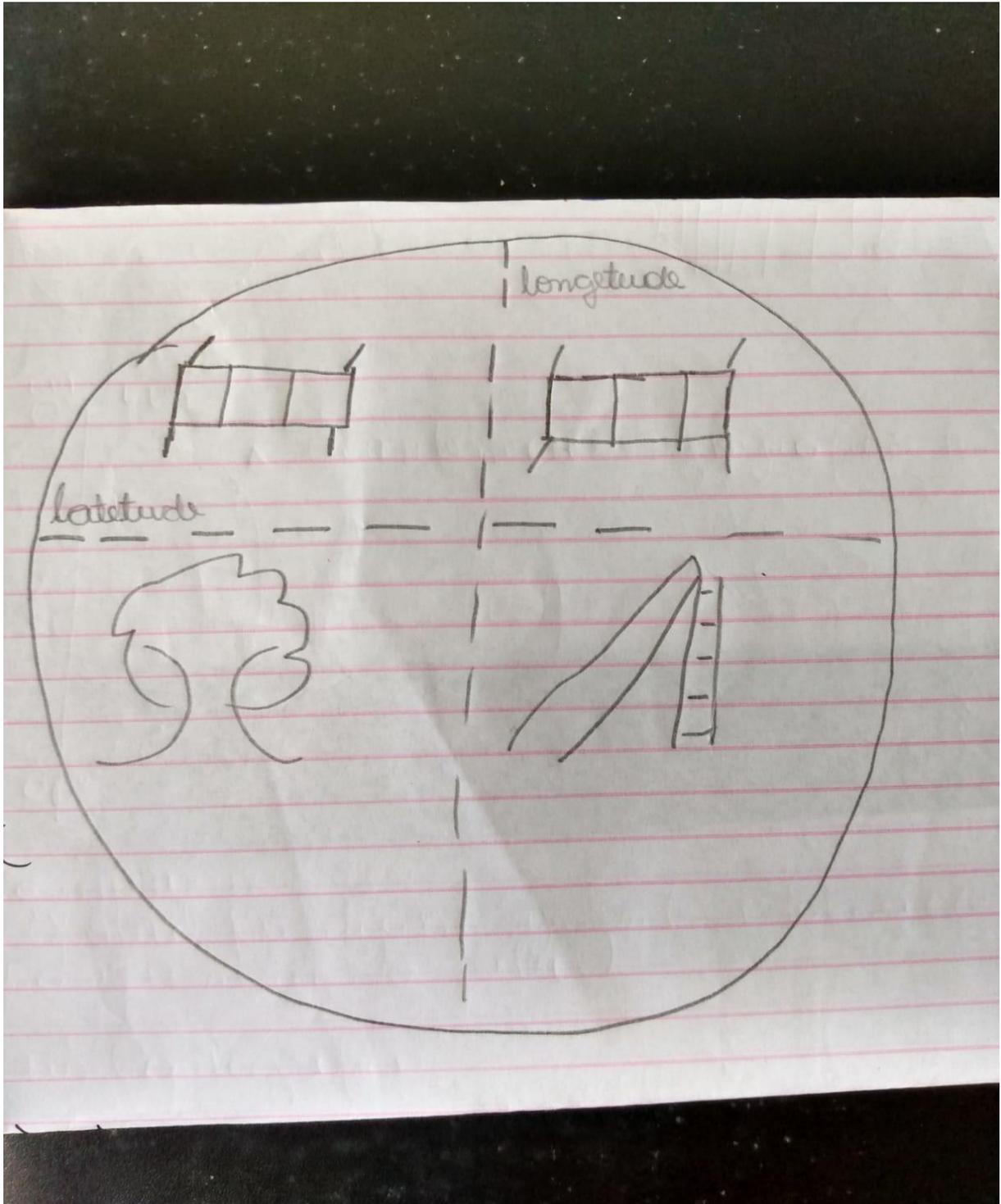


Figura 1 Um parque perto de casa

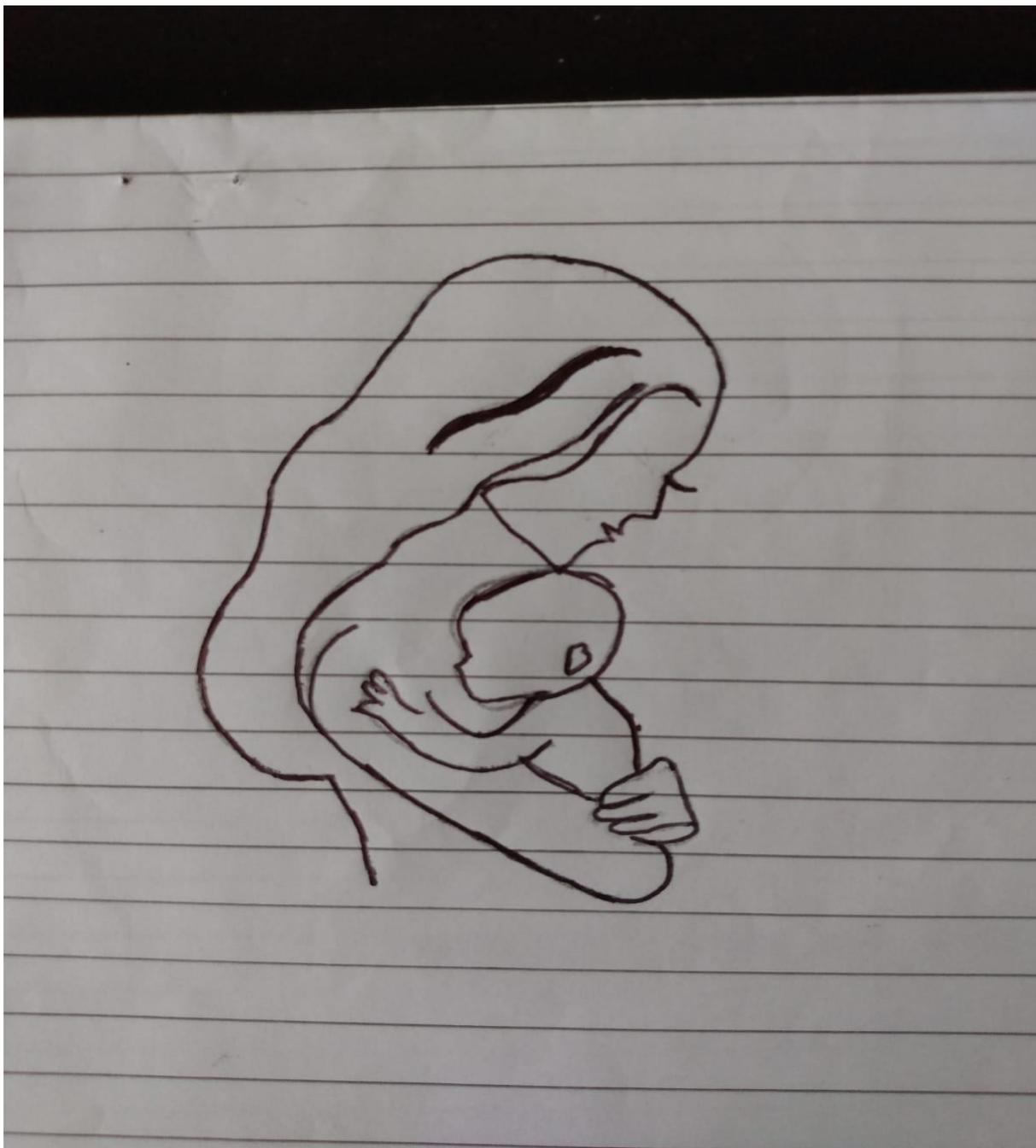


Figura 11 Os braços da mãe

## 7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirma-se aqui a necessidade de se trabalhar/aprofundar os estudos dos conceitos geográficos, pois como vimos, eles são ferramentas essenciais para compreensão de uma realidade cada vez mais complexa e dinâmica, os próprios documentos orientadores e curriculares do ensino médio expressam isso, porém, conforme vimos, por diversos fatores intra e extra sala de aula, tais estudos muitas das vezes são preteridos, pois são considerados abstratos e sem relação direta com o cotidiano. Buscou-se aqui mostrar o oposto: destacar sua concretude em nossas vidas e de que modo eles estão presentes em nossas vidas e em nossos espaços de vivência.

Para tanto, trabalhamos com o conceito de lugar, pois entendemos que este conceito além de permitir dialogar em diversas escalas, ele ainda é um elemento de extrema importância para se trabalhar de maneira inter e transdisciplinar (que salientamos mais uma vez aqui: entendemos ser um imperativo para o atual contexto de ensino/aprendizagem). Deste modo vimos aqui de que forma este conceito está presente na literatura, bem como de que maneira ele e as obras literárias dialogam e podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de variados temas geográficos em sala de aula.

De modo que esperamos que este trabalho tenha alcançado êxito de, através dos exemplos aqui trabalhados, ter contribuído de alguma forma para o processo de ensino/aprendizagem da Geografia em geral e dos seus conceitos em específico a partir do lugar, ao mostrar a relação da ciência geográfica com a Literatura, pois como foi demonstrado no decorrer do texto, esta última além de seu viés artístico ela também é espelho da sociedade e geradora de novas perspectivas.

Espera-se também termos destacado a necessidade de novas abordagens para o ensino da Geografia ao fazer uso da interdisciplinaridade como ferramenta útil e necessária para o ensino, bem como de neste processo partir das categorias mais próximas e elementares como o espaço vivido e aspectos do cotidiano para elementos mais amplos e complexos. Do ponto de vista epistemológico esperamos ter contribuído também para a aproximação das abordagens crítica e humanista, pois entendemos que esta aproximação é útil e necessária para compreender e se trabalhar em uma realidade cada vez mais dinâmica e complexa, bem como para responder aos desafios que nos são cotidianamente impostos pela pós-modernidade, pela globalização e seus aspectos perversos.

Gostaríamos também de destacar que muito do que foi discutido no presente trabalho ainda está em construção; neste aspecto reside uma das grandes riquezas e potencialidades da Geografia: ela está sempre em constante metamorfose para se adaptar e tentar responder as diversas mudanças pelos quais passa a sociedade. De modo que as atividades aqui propostas são exemplificações de como a temática aqui discutida pode ser trabalhada em sala de aula, cabe a cada professor definir qual a melhor metodologia que melhor se adequa à sua realidade.

Desta forma que o que se propõe aqui não é uma conclusão, mas sim uma contribuição para o ensino de Geografia, tendo a abordagem humanista em parceria com a crítica, a Literatura e a interdisciplinaridade como instrumentos metodológicos neste processo.

Pois conforme foi mostrado e discutido no decorrer do trabalho a aproximação dos campos literários e geográficos não só é possível como necessária, além de ser algo benéfico para ambas, pois abre múltiplas possibilidades epistemológicas, conceituais e didáticas, de ao partir de aspectos mais pessoais/subjetivos, avançar para discussões mais amplas. Deste modo se a subjetividade é uma palavra chave neste processo, o autor não pode se furtar de mesmo que de forma sucinta, destacar o que este trabalho representou tanto do ponto de vista subjetivo como prático:

Este projeto como um todo, contribui sobremaneira para a prática de ensino do autor, pois além de reforçar a convicção da importância dos conceitos geográficos, serviu para que se descobrisse novas perspectivas tanto do ponto de vista epistemológico quanto didático pois abriu novas perspectivas tanto para um entendimento maior da Geografia enquanto disciplina dinâmica, quanto para o seu respectivo ensino em sala de aula, ao levar em considerações categorias como: Espaço vivido, meu lugar no mundo, além de levantar questões como: De que modo eu enquanto agente socio transformador atuo nestes espaços e como eu vejo e interajo com aquela parte do espaço o qual eu considero “ O meu Lugar”.

## 8-BIBLIOGRAFIA

AB'SABER, Aziz Nacib. **O Que É Ser Geógrafo, Memórias Profissionais de Aziz Ab' Saber**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas cidades, ed.34, 2003.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. 5ª ed. São Paulo, Brasiliense/Atlas, 1986.

\_\_\_\_\_. **Josué de Castro: O homem, o Cientista e seu Tempo**. Estudos Avançados 11, 1997.

AUGUÉ, Marc. Não-lugares. **Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade**. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: 90 Graus Editora. 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIM, Walter. **Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem**. In: BENJAMIM, Walter. Escritos sobre mito e linguagem. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2013

BRASIL, **Ciências humanas e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3)

BROSSEAU, Marc. **Geografia e Literatura**. IN: CORRÊA, Roberto Lobato;

CALLAI, Copetti Helena. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: Castrogiovan, Antonio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162: Literatura e subdesenvolvimento.

CASTELLAR, Sônia. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage learning, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**, Vol. I. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. -2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. **Geografia da Fome. Geografia da fome**: Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

\_\_\_\_\_. **Fatores de localização da cidade do Recife: um ensaio de geografia urbana**. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro 1948.

- CARLOS, Ana Fani. A cidade. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- CAROL. Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Trad. Clélia Regina Ramos. Arara Azul. Petrópolis. 2002.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012. P.45-47.
- CLAVAL, Paul. **O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- COELHO, Maria Rosana et al. **Literatura e Geografia: Um elo possível**. Disponível
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2009. v.1.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**, Trad. de Carlos Brandão, 2 ed.: São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).
- FERNANDES, Felipe moura. **Geografia e Literatura (Ciência e arte):** proposições para um diálogo. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br>. Acesso em 12/02/2022.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica**. -5° ed.- São Paulo: Globo, 2006.
- FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- Geografia da fome – 75 anos depois: novos e velhos dilemas** [recurso eletrônico] / Organizadoras: Tereza Campello... [et al.]. -- São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2023.
- GUATTARI Félix; RONILK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 10ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. Revista GEOgraphia, Niterói, ano IV, n.7, p.7-31, 2002.
- \_\_\_\_\_ **Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão**. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

- HAESBAERT, Rogério; RAMOS, Tatiana Tramontani. **O mito da desterritorialização econômica**. Revista GEOgraphia, Rio de Janeiro, v.6, n.12, p.25-48, 2004.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. David Harvey; tradução: Adail Sobral, Maria Stela Gonçalves. 26 ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2016.
- HEIDEGGER, Martin. **A origem da Obra de Arte**. Trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa. Edições 70, 1977.
- HERÁCLITO. **Heráclito**. São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Os pensadores)
- \_\_\_\_\_. **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia Sá Cavalcanti Shuback. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências e profissão docente**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIMA, Aldo de. [et al.] **O Direito à Literatura** / organizadores:– Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Metáfora e cognição**. Recife: Editora Universitária/ UFPE, 2006.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: prática de fichamentos, resumos, resenhas**. -13. Ed.-São Paulo: Atlas,2019.
- MELO FILHO, D. A. de: **Mangue, homens e caranguejos em Josué de Castro: significados e ressonâncias**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol. 10(2):, maio-ago. 2003.
- MERLEAU-PONTY. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MONBEIG, Pierre. **Novos estudos de Geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1957.
- MONTEIRO, C.A.F. **O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.
- ORTEGA, Any Marise. **A Literatura no Caminho da História e da Geografia: Práticas Integradas com a Língua Portuguesa**. Any Marise Ortega, Alex Ubiratan Goossens Peloggia, Fábio Cardoso dos Santos. - São Paulo: Cortez, 2009.

OLIVEIRA, Natallye Lopes Santos. **A experiência ontológica na geografia de Jorge Amado e o viés epistemológico**. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Geografia literatura e arte: epistemologia críticas e interlocuções. Porto Alegre.

PARAÍBA. **Propostas Curriculares do estado da Paraíba para o ensino médio**. Secretaria da Educação do Estado da Paraíba. 2021.

RAMOS, Graciliano, **Vidas Secas: 70 anos**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ROGER, Jérôme. **A crítica literária**. Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

ROSENDAHL, Zeny (org.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

SANTOS, MILTON. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_ **O espaço do cidadão**. 3. ed. Nobel, São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_ **Por uma Outra Globalização**. Do pensamento Único à consciência universal. -6° ed.-Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_ **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção-4**. ed. 2 reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_ **Salvador: Centro e Centralidade na Cidade Contemporânea**. In: Gomes, Marco Aurélio A. Filgueiras (Org.). Pelo Pelô: História, Cultura e Cidade. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1995. p. 11-29.

SARAMAGO, Ligia. **Como ponta de lança. O pensamento do lugar em Heidegger**. In: MARANDOLA JÚNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (orgs). Qual o espaço do lugar? São Paulo: Perspectiva, 2019.

SCOVILLE. André Martins Lopes de. **Literatura das Secas: Ficção e História**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 2011.

SERPA, ANGELO. **Por Uma Geografia dos Espaços Vividos: Geografia e Fenomenologia**. 1.ed.,1ªreimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

\_\_\_\_\_ **Parâmetros para a construção de uma crítica dialético-fenomenológica da paisagem contemporânea**. Formação, Presidente Prudente, v. 2, p. 14-22, 2007

SILVA, K. R. S; GOMES, E. T. A.; ALBUQUERQUE, M. Z. A. A cidade: uma leitura geográfica DA PAISAGEM URBANA DA METRÓPOLE PELO PINA, RECIFE – PE.

Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, V. 05, N. 01, 2016.

SUZUKI. Júlio César. **Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos**. REVISTA DO CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO / Nº 5, setembro 2017.

\_\_\_\_\_ Suzuki, et al. EPISTEMOLOGIAS GEOLITERÁRIAS: teoria e método, empiria e experiência. Geografia, Literatura e Arte, v.3, n.1, p. 1-6, jan./jun.2021. Geoliterart.2021.

TONINI, I. M. **Para pensar o ensino de Geografia a partir de uma cultura visual**.

In: REGO, N. CASTROGIOVANNI, A. C. KAERCHER, N. A. (Orgs.). Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio. Porto Alegre: Penso, 2011. pp. 93-103.

TUAN, YI-FU. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

\_\_\_\_\_ **Espaço e Lugar: Perspectiva da Experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

VESENTINI, J.W. **Repensando a geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009.

[www.prolivro.org.br](http://www.prolivro.org.br) acesso em 19/05/2023.

